



EDITORIAL

Por ocasião da Semana Farroupilha, o IHU On-Line debate o 'ser gaúcho'. Em tempos de globalização, a identidade gaúcha existe ou não? Qual é a sua potencialidade e quais os seus limites? É nela que os brasileiros encontram a sua inserção com a América Latina? Essas e outras são as perguntas debatidas por Ruben Oliven, antropólogo, por Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, pós-doutor em História Social, e por Luiz Carlos Tau Golin, professor da Universidade de Passo Fundo (UPF), onde leciona no Programa de Pós-Graduação em História. Enquanto preparávamos este número com esta temática de capa, testemunhávamos a Argentina, terra de 'gauchos', enfrentar galhardamente o Fundo Monetário Internacional... e vencer.

*Também neste número fazemos eco do grande feito da Editora Unisinos que está para lançar o monumental **Dicionário de Ética e Filosofia Moral**. A ousadia da nossa Universidade ao lançar esta obra é comentada pela filósofa Monique Canto-Sperber,*

organizadora do Dicionário, pelo Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, vice-reitor da Unisinos e por Carlos Alberto Gianotti, diretor da Editora Unisinos.

No mês do segundo aniversário de criação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, o boletim, a partir desta semana, na sua versão impressa, apresenta o seu novo projeto gráfico, visando a uma leitura mais fácil e agradável. Para tanto, agradecemos a colaboração dos nossos colegas do Centro das Ciências da Comunicação que, mais uma vez, manifestam o seu vivo interesse por tudo aquilo que o IHU faz. A todos uma ótima Semana Farroupilha e uma excelente leitura.

“GAÚCHO É BRASILEIRO POR OPÇÃO”

Antropólogo e pesquisador da UFRGS premiado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) pelo conjunto de sua obra, Ruben Oliven, autor do livro **A parte e o todo**. (Petrópolis: Vozes, 1992) conversou com **IHU On-Line** sobre regionalismos, tradicionalismos e sobre os desafios do Estado Gaúcho. Oliven é doutor em Antropologia Social pela University of London, Inglaterra, ex-presidente da Associação Brasileira de Antropologia.

IHU On-Line- Em que sentido os regionalismos podem ser ou não conservadores?

Ruben Oliven- A gente só consegue entender o regionalismo como algo ligado ao Estado-nação. Ele pode ter várias facetas. Pode ser uma reação das elites de uma região, que não estão satisfeitas com aquilo que vem do Estado central e, por conseguinte, passam a idéia de que toda a região está sendo prejudicada, talvez nesse sentido pode ser conservador. Em países muito grandes e onde a identificação é muito distante, o regionalismo acaba sendo uma instância intermediária como forma de identificação.

IHU On-Line- O gaúcho só é brasileiro sendo gaúcho, não acontece o mesmo com o carioca, o nordestino, etc?

Ruben Oliven- Com o carioca não. Como o Rio de Janeiro foi capital do Brasil durante muito tempo, ser carioca significava ser automaticamente brasileiro e, durante muito tempo, o Rio de Janeiro foi, e ainda é, tomado como modelo de linguagem, de comportamento, como lugar ideal. O Rio de Janeiro nunca teve o caráter de região, porque era a Corte. No Nordeste, é mais complicado. Eles têm um sentimento regional muito forte, mas parte do Nordeste simboliza a cultura brasileira. Quando falamos em cultura brasileira, ela é fortemente ligada a manifestações que ocorrem na Bahia: o tropicalismo, um certo tipo de carnaval, a mistura racial, etc. Agora, em outras regiões, como no Acre, as pessoas só são brasileiras sendo acreanas antes. Em um país com as dimensões do Brasil, a nacionalidade passa pela região. O Rio Grande do Sul sempre foi uma região muito especial, de fronteira, com uma relação muito particular com o Brasil. Simultaneamente, o rio-grandense afirma pertencer ao Brasil, mas que o é por opção. O Estado poderia ter sido parte do império espanhol, acabou fazendo parte do império português, depois do Brasil, o que torna o gaúcho brasileiro por opção. Isso faz parte do imaginário gaúcho.

IHU On-Line- Como se explica que o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) seja o maior movimento da cultura popular do mundo ocidental, em tempos de crise de participação em diversos tipos de movimentos principalmente sociais e políticos?

Ruben Oliven- É um movimento que surge com um grupo de rapazes que cria um Centro Tradicionalista Gaúcho (CTG) e que jamais imaginaria que o Movimento teria o alcance que teve. Ele acabou se espalhando para todo Rio Grande do Sul, inclusive para as áreas de colonização alemãs e italianas, depois ele foi para outros estados e acabou indo para o exterior. Realmente, o tradicionalismo não está em crise de participação. Ao contrário, há um crescimento tanto de CTGs como de número de pessoas que participam deles. Em parte, tem a ver com a estrutura do CTG, que é a de clube, além de ser um lugar que aceita pessoas de diferentes idades e classes sociais. Ele, de alguma maneira, recria o passado, a tradição e ao recriá-la dá um sentimento de pertença muito forte. Talvez isso explique essa adesão tão grande.

IHU On-Line- De que forma o MTG foi se atualizando nos últimos tempos? Expressões como o *Tche Music*, ou a imagem do gaúcho de bombacha e celular na cintura são parte dessa atualização?

Ruben Oliven- Uma das coisas que o MTG procura fazer é criar um tipo, que seria o tipo do gaúcho, que teria características fixadas pelo movimento e que ele não gosta de ver alteradas. Ele, por um lado, resiste a coisas como a guitarra elétrica na música gaúcha, ou que alguém use bombacha e tênis, mas não tem problema nenhum com o telefone celular, porque ele supera os telefones tradicionais e não compete com as questões do gauchismo. O movimento não tem nada contra a tecnologia, tem várias páginas na internet. O problema é com alguma coisa que mude ou altere a imagem do gaúcho que ele construiu.

IHU On-Line- Qual é a diferença entre tradicionalistas e nativistas?

Ruben Oliven- O movimento dos nativistas foi o que ganhou certo ímpeto na década de 80, mas hoje, tem menos força. O tradicionalismo é um movimento organizado, ele consta de CTGs que fazem parte de federações, e elas fazem parte de uma Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha e, por sua vez, existe uma Confederação Internacional da Tradição Gaúcha. É um movimento muito organizado, com presidente, vice, que organiza congressos, etc. Os nativistas surgiram numa disputa que era fundamentalmente musical. Os tradicionalistas tinham posições mais ortodoxas no que diz respeito ao tipo de música que podia ser tocada, etc., e os nativistas tinham uma proposta mais moderna, queriam introduzir ritmos novos na música gaúcha. Isso produziu uma série de polêmicas que, às vezes, era muito áspera. Mas, ambos os movimentos giram em torno da figura do gaúcho. Nenhum dos dois quer terminar com ela. Os nativistas não querem terminar, apenas defini-lo de forma diferente.

IHU On-Line- Em que sentido é excludente a imagem construída do Rio Grande do Sul?

Ruben Oliven- A figura do gaúcho tem a ver com as pessoas que vieram para cá e se dedicaram à criação de gado e, nessa imagem, algumas coisas ficam no plano secundário. Os colonos alemães e italianos não são exaltados, são vistos de forma secundária, mais fracos, tanto que os colonos vão aderir ao gauchismo, porque é prestigioso. Na imagem que o Rio Grande do Sul faz de si, também aparece muito pouco a figura do índio e do negro. Quando se fala na cultura rio-grandense, se fala de Gramado, por exemplo, mas nunca se fala do carnaval de Porto Alegre, que é muito bonito, étnico, com uma presença negra importante. O Rio Grande do Sul é o segundo Estado que possui mais brancos do Brasil, por isso se sente mais europeu do que africano.

IHU On-Line- A figura do gaúcho parece ter um ar conservador e machista, no entanto o estado do Rio Grande do Sul é considerado um dos mais politizados. A sociedade gaúcha é conservadora?

Ruben Oliven- Politicamente o Rio Grande do Sul é conhecido como um Estado muito politizado e, em geral por causas mais de esquerda, progressistas. E há também um interesse político muito grande no Rio Grande do Sul, os nossos jornais fazem cobertura de tudo o que acontece na Assembléia Legislativa. Fica muito difícil dizer se o Rio Grande do Sul é conservador ou não. A fama de conservador vem na medida em que o Estado se representa pelo passado, pela figura do gaúcho que seria conservador. Mas, nosso Estado é muito moderno do ponto de vista econômico, tecnológico, além de haver a agricultura, pecuária, há indústria metal-mecânica, indústria de calçado, uma série de coisas que são muito modernas. Quanto à questão do machismo não acredito que o Rio Grande do Sul seja mais machista que alguns estados do Nordeste ou mesmo de São Paulo e Rio de Janeiro. É só examinar o número de mulheres que são espancadas e assassinadas por seus companheiros, provavelmente não seja muito diferente do Rio Grande do Sul. Acho que tem muito a ver com a história do gaúcho, que é a de um tipo bravo, heróico, que lutava com a natureza, com os inimigos. Isso cria a figura de um homem forte, facilmente associada à figura do machismo. Se formos verificar, veremos que há machismo também em sociedades como a Inglaterra onde existe um número extremamente alto de mulheres que são espancadas e que estão se organizando em associações para se defenderem. Devemos olhar com cuidado e ir atrás de números para ver como é isso na prática.

IHU On-Line- Quais são os principais desafios do Estado?

Ruben Oliven- Um é manter um crescimento econômico, somos um Estado com um imenso potencial. Em segundo lugar, que Rio Grande do Sul consiga superar a crise e consiga se desenvolver. Para isso precisa criar indústrias e diminuir suas grandes extensões de terra. Do ponto de vista administrativo, temos um desafio semelhante a outros estados, que é conseguir fazer a máquina administrativa funcionar melhor, propiciar uma educação e uma saúde de melhor qualidade. Eu sou a favor de tornar o Estado mais eficiente e fazê-lo atuar em áreas que são importantes, como educação, saúde, segurança. E há um desafio relevante em relação ao Mercosul, ele passa pelo Rio Grande do Sul, e isso repolariza um balanço de forças no Brasil. O Estado também poderia explorar mais o turismo. Acho que temos um grande potencial turístico que atrai pessoas de todo o Brasil, mas, em geral, elas vêm motivadas pela Serra, e haveria muitos outros tipos de potenciais. Geraria uma série, se não de empregos, pelo menos de trabalhos para o Rio Grande do Sul.

A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO GAÚCHA

Entrevista com César Guazzelli

César Augusto Barcellos Guazzelli é pós-doutor e doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a tese **O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)**.

Autor do livro **História Contemporânea da América Latina: 1960 - 1990**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996; e do capítulo **Caudilhismo**. In: SILVA, Francisco C. T. da & al. **Dicionário Crítico do Pensamento da Direita**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

César Augusto Guazzelli é pesquisador e professor do PPG em História da UFRGS e atualmente pesquisa o tema *Fronteiras e Fronteirios: o norte do México e o Rio da Prata na primeira metade do século XIX (1811-1851)*.

O pesquisador conversou com **IHU On-Line** sobre a tradição gaúcha e a *Semana Farroupilha*.

IHU On-Line- Quais as diferenças na forma como é retratado o gaúcho argentino e o gaúcho brasileiro na literatura? São auto-retratos do gaúcho ou é um "outro" que faz a leitura?

César Guazzelli- Começo a primeira resposta pelo final: sempre foi "outro" quem escreveu sobre o gaúcho, até porque eles eram iletrados. Como disse Borges, "homens da cidade lhes fabricaram um dialeto e uma poesia de metáforas rústicas". Quanto à literatura gauchesca platina e rio-grandense, há algumas considerações importantes, e a primeira delas é a origem platina, com Bartolomé Hidalgo e seus "cielitos" patrióticos durante a gesta artiguista, a partir de 1811, conferindo ao "gaucho" o papel central no processo de emancipação colonial, identificado com os ideais libertários "americanos". Mais tarde, os intelectuais liberais da geração de 1837 - especialmente Sarmiento e Echeverría - conferiria aos "gauchos" a condição de "barbárie", comandada pelo federalismo rosista contra os ideais "civilizados" dos unitários portenhos. A reação contra isso foi a produção de Hernández, que, no exílio, já na década de 1870, lançava *El Gaucho Martín Fierro*, dando conta da perseguição sofrida pelos antigos moradores do campo, e atribuindo os atos de barbárie ao cerco que a "civilização" proporcionava. Depois, de alguma forma, o "gaucho" foi folclorizado na figura do homem do campo sábio, experiente, que domina a natureza e conquista o espaço sem precisar de ciências ou letras da urbe civilizada, como na própria *La Vuelta de Martín Fierro*, de José Hernández, ou nas obras de Ascasubi e Estanislao del Campo. O ponto máximo desta "domesticação" do "gaucho" é, na minha opinião, *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes; sobre isso, creio que Lugones afirmou que Sarmiento era a tese (Facundo), Hernández a antítese (Martín Fierro) e Güiraldes a síntese (Don Segundo). Resumindo, o "gaucho" platino aparece como "guerrero", "matrero" e "campero", resignificando o próprio conceito da palavra. No Rio Grande do Sul, a literatura gauchesca é mais recente, sendo do final do século XIX o livro de Apolinário Porto Alegre, *O Vaqueano*, uma resposta à obra de José de Alencar, *O Gaúcho*, quando o cearense da Corte do Rio de Janeiro tentava plasmar as características dos moradores do sul. Mas certamente foi no século XX que se afirmou a literatura gauchesca, com a produção ímpar de João Simões Lopes Neto¹. Isso estava associado, por um lado, com as autonomias provinciais da República Velha, que reforçava os laços identitários provinciais, e por outro com o movimento literário regionalista que ganhava espaço no país. Nesse sentido, a produção no Rio Grande foi muito mais despolitizada que aquela feita na Argentina, salvo pela projeção da Guerra dos Farrapos como um "mito de origem" da identidade sul-rio-grandense; raramente aparece a figura do "vago", do "mal-entretido", sendo muito disfarçada a perseguição dos gaúchos; predomina o homem sábio do campo, e figuras como Blau Nunes, Tio Lautério e outros reproduzem aqui Don Segundo, Viscacha, o Martín Fierro da volta. Só a partir dos anos 30, a obra de Cyro Martins daria conta do "gaúcho a pé", novamente pária, expulso dos campos. Talvez como reflexo disso, a poesia gauchesca contemporânea no Rio Grande do Sul é exaltadora do passado, da cultura da estância e dos padrões, enquanto, na Argentina, esteve associada à "canción de protesta" e teve poetas, como Yupanqui e Cafrune, perseguidos pela ditadura.

¹ Sobre Simões Lopes Neto, conferir a edição número 73 de IHU On-Line, de 1º de setembro de 2003, matéria de capa.

***IHU On-Line-* A Semana Farroupilha, oficializada, em setembro de 1964, no início do Regime Militar, é uma das principais festas do Estado. Existe nacionalismo no RS, diferente dos outros Estados do Brasil?**

César Guazelli- A Semana Farroupilha marca uma aparente contradição: dia 7 de setembro comemoramos a Pátria; dia 20 a "antipátria". Na verdade, isso significa que somos portadores de várias identidades, entre elas uma nacional - no caso brasileira - sobreposta a uma regional - a rio-grandense -, que é mais antiga. Antes de ser construída e afirmada a identidade nacional - que, penso eu, não se deu completamente até o século XX, já se afirmava a identidade regional-provincial, o que está na raiz de todos os conflitos ao longo do século XIX. Se esta questão parece mais evidente na Argentina, cuja unidade só se concretiza depois de 1870 - La Rioja se rebelou em 1867 contra Buenos Aires e apoiando o Paraguai, vale a lembrança -, a consolidação do Império do Brasil era aparente. Até hoje os "correntinos" dizem que, se a Argentina entrar guerra, eles a apoiarão, mais ou menos como os rio-grandenses dizem em relação ao Brasil; quando aparecem tensões que mobilizem a identidade regional-provincial, há abalos na identidade nacional (houve em 1972 uma partida de futebol entre a Seleção do Brasil e a Seleção do Rio Grande do Sul, porque não havia sido convocado um atleta do Grêmio, campeão da Copa de 70, o movimento pela federalização da dívida do Banco Sul-Brasileiro em 1985, e tantos outros episódios). Aqui, como na Argentina e no México, países de grande extensão territorial, as questões entre o centro - Rio de Janeiro e São Paulo, Buenos Aires e México - e as periferias provinciais não são simétricas, e as conjunturas políticas podem permitir práticas anticentralistas, que rememoram e reproduzem o passado. Creio que o Rio Grande tem, dentre os estados brasileiros, a mais forte identidade regional, que teve sua construção feita na República Velha, de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. História, literatura, música popular, remetiam para a especificidade do estado em relação aos demais. Depois, nas décadas de 1940 e 1950, a criação urbana dos Centros de Tradições Gaúchas revelou-se um sucesso sem precedentes, se imaginarmos que existem até no Japão. Mais que isso - e muito diferentemente do que ocorreu na Argentina e no Uruguai, onde "gaúcho" é sinônimo de peão de campo - a palavra "gaúcho" tornou-se sinônimo de rio-grandense, mesmo que este tenha nascido e vivido numa cidade e que não saiba muito bem a diferença entre uma vaca e um cavalo. É importante salientar que se mantêm os símbolos do mito de origem, a Revolução Farroupilha: a bandeira e o hino do estado são os da República Rio-Grandense; mais que isso, o quanto eu saiba, é a única unidade da nação onde todas as crianças conhecem estes símbolos tão ou mais que os nacionais. Riscos? Não creio... Parece-me que em terras mais civilizadas, como Espanha, Inglaterra, Itália, Rússia e Iugoslávia, as identidades regionais brotam com muito mais força, como consequência dos enfraquecimentos dos respectivos laços nacionais, nesta contemporânea onda de globalização.

***IHU On-Line-* O culto às tradições gaúchas teve diferentes significados em cada época? O que ele significa hoje?**

César Guazelli- Estou de acordo com o historiador britânico Eric Hobsbawm que escreveu sobre a "invenção das tradições". Nós inventamos esta, somos herdeiros de homens guerreiros, "de a cavalo", defensores da liberdade, da república, da federação, e que eram fortes, valentes, tinham palavra, eram francos etc.... Não está mal a criação do mito! Ela é tão bem realizada que se expressa num "futebol gaúcho", onde o arquétipo é um jogador não muito técnico, mas viril, que joga na chuva e no barro, que não é dado a brilhaturas, mas à força e coragem, que nunca se entrega, enfim, transpondo para um terreno aparentemente tão distante da estância, aquela imagem idealizada do peão, e o capitão Dunga, do mundial de 94, foi uma expressão bem acabada disso.

Parece-me que este culto das tradições gaúchas teve sempre este significado, não percebo mudanças importantes desde a fundação do Movimento de Tradição Gaúcha: auto-apologia, passadismo, e uma busca perene - e um tanto insensata - do que é "verdadeiramente autêntico", dando margem a grandes confusões: a bombacha, que hoje é aceita como autenticamente gaúcha, era, no século XIX, um modismo; a boina e as alpargatas trazidas pelos bascos foram incorporadas, e assim por diante. Por outro lado, há hábitos culturais que, de forma mais espontânea, foram conservados, e são marcas culturais mais indelévels: comemos muita carne, tomamos mate, temos uma linguagem bem identificada, e tais coisas independem de um culto às tradições.

De qualquer forma, a função desta cultura poderia ser sintetizada em três matizes: é um discurso que remete sempre para uma nostalgia de um passado, no qual fomos mitologicamente muito grandes e importantes; este passado nos garante uma identidade, logo somos todos herdeiros daqueles e portadores dos seus ideais; e se hoje vivemos uma crise, e as crises são, muitas vezes, construídas, seremos capazes de recuperar os valores de antanho e reafirmarmos a província.

IHU On-Line- O gaúcho se identifica mais com o latino-americano, principalmente com o uruguaio e o argentino, do que com o brasileiro de outros estados?

César Guazzelli- Creio que neste aspecto de uma "criação cultural" ou de uma "tradição", sim! É mais fácil um poeta das tradições gaúchas rio-grandenses conhecer canções de Alfredo Zitarrosa ou de Horácio Guarany que aquelas de Zé Ramalho ou de Almir Sater. Também temos um convívio muito próximo de argentinos e uruguaios, e uma apropriação do Prata, pela vizinhança, que os demais estados brasileiros não têm: a geração de meus pais (confesso, já tenho 51 anos) escutava as estações de rádio de Buenos Aires e Montevideú, e a música predileta deles era o tango, e a diáspora provocada pelas ditaduras militares trouxe muitos portenhos e orientais diretamente para nosso meio, isso sem falar na nossa imensa e porosa fronteira com os países platinos. É perceptível uma melhor recepção aqui de produções culturais argentinas e uruguaias - e até, por extensão, espanholas - do que nos demais estados. Porto Alegre tem três casas de tango; temos ainda algumas churrascarias que servem "parrilladas" como em Buenos Aires e Montevideú...

Claro que há uma referência histórica ao passado, ao mundo da fronteira, onde, além de conflitos, havia convívios, circulação de pessoas, de mercadorias e de idéias. Muito além do Rio Grande inventado como "gaúcho", portando partilhando uma tradição com o "gaucho" argentino ou oriental, havia e há contatos mais próximos, um espaço geográfico definido pela ambigüidade fronteiriça: os homens que aí vivem, fazendo frente ao "outro", para exercer este papel com eficiência precisam assemelhar-se a este "outro", o que está na raiz do gaúcho/gaucho do passado, no caudilho, na estância, etc. Daí, talvez, esta maior "latino-americanidade" no Rio Grande do Sul (que não sei se não teria equivalente no "paraguaiismo" que tem o Mato Grosso). O que não quer dizer apagamento das identidades nacionais, basta observar o comportamento dos fronteiriços, quando jogam as seleções de futebol nacionais!

IHU On-Line- Como caracterizaria o momento atual que o RS está vivendo?

César Guazzelli- O Rio Grande do Sul vive a "crise" de um estado periférico, com predominância do setor primário, não mais baseado na histórica pecuária extensiva - que nem por isso é pouco importante - mas na agricultura de exportação, soja, e para o mercado interno, arroz. Este modelo, sacrificado pelos oito anos de Fernando Henrique Cardoso na famosa "âncora agrícola", teve o enfrentamento de dois projetos: um, preconizado pelo governo Antônio Britto, de discurso modernizador e cosmopolita, baseava-se nas privatizações e incentivos à

implantação das grandes empresas; outro, de Olívio Dutra, enfatizava as "vocações" agropastoris do estado, os pequenos e médios empreendedores e o papel mais ativo do Estado como fiador das atividades econômicas. Significativamente, Olívio construiu um discurso onde plasmou sua identidade "gaúcha", pela linguagem, pela origem missioneira, pela identificação com o campo. De toda sorte, reproduzia-se, como desde os tempos dos Farrapos, uma bipolarização política que é marca do Rio Grande: mesmo que existam muitos partidos, sempre ocorre um enfrentamento direto, seja ele entre farroupilhas x caramurus, pica-paus x maragatos, chimangos x assististas, PTB x ADP, MDB x ARENA, ou, como hoje, PT x antiPT. O governador eleito, Germano Rigotto, apareceu como um "tercius", aproveitando o espaço entre a dicotomia entre Tarso (PT) e Britto (PPS, antiPT); imediatamente, no entanto, o segundo turno levou-o à condição polarizada que negava durante o primeiro. No poder, volta à situação dos seus antecessores, aquela de um enfrentamento com um poder central que, se não é hostil (afinal, Lula precisa dos governadores estaduais para seus açodados projetos de reformas), está longe de contemplar as maiores demandas do estado. Acrescente-se a isso uma crise real: o latifúndio reanima-se com a questão da desapropriação de terras anulada em São Gabriel - terra paradigmática da formação fronteira do Rio Grande - e enfrenta o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), usando as imagens do "gaúcho" do passado: o "homem sem lei, sem rei e sem deus", o "gaudério", o "homem solto", despojado das terras e de outros bens, inspira os proprietários de hoje na luta contra os novos párias e despossuídos.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA: UM SIGNO A SERVIÇO DO CONSERVADORISMO

Entrevista com Tau Golin

*Luiz Carlos Tau Golin é professor da Universidade de Passo Fundo (UPF), onde leciona no curso de Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação em História. Jornalista, doutor em História pela PUCRS, Tau Golin é conhecido pelas suas críticas severas ao tradicionalismo gaúcho e à cultura nele inspirada. Autor de 21 livros, entre eles **A expedição**. Porto Alegre: Sulina, 1997; e com muitos artigos publicados, o polêmico pesquisador é dono de uma obra que abrange desde a literatura infantil até as transformações da esquerda contemporânea. Seus estudos principais, entretanto, abordam a formação do Rio Grande do Sul, as Guerras Guaránicas e o que ele chama de "a ideologia do gauchismo".*

IHU On-Line - O Sr. tem dedicado parte dos seus estudos à crítica ao movimento tradicionalista gaúcho (MTG), descrevendo-o como conservador e retrógrado. Quais são, em síntese, as suas principais críticas?

Tau Golin - A primeira característica dominante de uma identidade tradicional-folclórica em uma sociedade moderna é a diluição da noção de tempo histórico. Ao se instituir como movimento cultural organizado, a gauchidade se apresenta como se estivesse credenciada a reproduzir valores pretensamente imutáveis forjados pelos antepassados. A sociedade rio-grandense (e sua representação cultural) é conservadora e não tradicional. Os elementos da tradição reforçam e reificam ontologicamente seu conservadorismo. Ou seja, o movimento cultural tradicionalista e seus sucedâneos não se caracterizam como uma extensão de uma sociedade tradicional, mas da invenção totalizante de um *civismo retrógrado* no interior da sociedade moderna de classes. Aceitemos a tese de que o indivíduo da sociedade tradicional, ao nascer, já tinha fixado, solidamente e de maneira arraigada a sua *identidade*. Naquele mundo "pronto" e de difícil mutabilidade, os papéis sociais estavam milenarmente estabelecidos e sustentados em sistemas de mitos. O indivíduo era membro do clã, com sistema fixo de parentesco. A sua identidade, desse modo, estava vinculada ao grupo social e aos papéis

possíveis de serem assumidos. A função de um indivíduo não sofria transformações radicais: ele era, por exemplo, caçador e, também, integrante do clã. Com a identidade gauchesca, sempre fragmentária e nunca se expressando como uma totalidade, ocorre exatamente o contrário. O indivíduo inserido no mundo da modernidade capitalista tem a possibilidade de se inventar e de escolher a sua identidade. Como ela, inclusive, não depende mais inseparavelmente da determinação inflexível do modo de vida tradicional, o personagem pode desvincular o seu fazer produtivo-social de seu viver cultural e imaginário. Só na modernidade os tipos sociais diferentes podem assumir deliberadamente uma mesma “auto-representação pilhada”, convivendo no mesmo espaço simbólico e superestrutural, se quisermos utilizar uma categoria conhecidíssima, não existindo contradição entre um funcionário público e um chefe de governo, entre um peão de obra e um especulador no mercado financeiro, entre donos de meios de comunicação e vileiros, entre os latifundiários e os sem-terra.

IHU On-Line - As tradições são, sabidamente, práticas inventadas e, conseqüentemente, ideologizadas. A “invenção” das tradições gaúchas é assumida, ainda que parcialmente, pelos seus precursores. O Sr. critica a resignificação que o tradicionalismo impôs à cultura gaúcha. A quem servem os significados estabelecidos?

Tau Golin - No Rio Grande do Sul, com um movimento tipicamente contido na modernidade conservadora, na década de 1940, os ideólogos da segunda geração do gauchismo – transformando em movimento de massa as iniciativas clubísticas do antigo Grêmio Gaúcho da passagem do século XIX para o XX - começaram uma elaboração de procura e escolha singular de identidade no espaço urbano e ao arripio de seu modo de vida citadino, na qual a seleção do lugar-campo, o mundo dominado pelos estancieiros, foi pilhado de idealidade. E no desenvolvimento e afirmação desse processo, inventaram que, no lugar espacial do *pagus*, existira um modo de vida tradicional imanente de cultura, de ética, de *ethos*, de *paidéia* para a sociedade em seu conjunto. Nesse processo intelectualmente buscado entre a sustentação na memorialística e na normatização de uma identidade que fosse, ao mesmo tempo, individual e gentílica, está a robustez do tradicionalismo rio-grandense como mito e sua eficiência como dogma. Seus engendadores – muitos ainda vivos e entre nós - abdicam da autoria, muitas vezes convencidos de que são realmente incorporações axiomáticas. As proposições tradicionalistas tiveram campo fértil na ditadura militar, que, instrumentalmente, promoveu o folclore e a tradição. Então, os tradicionalistas ocuparam instâncias que iam desde mestres-decerimônias a secretários de Estado. Criaram departamentos na estrutura do poder, influenciaram os currículos escolares, canalizaram patrocínios aos seus eventos, ocuparam a mídia, organizaram sistemas de culto cívico, multiplicaram os galpões de vivência pilhada nos quartéis da Brigada Militar e das Forças Armadas etc. Reordenaram, inclusive, uma versão litúrgica do catolicismo em uma Missa Crioula, dando potência bíblica ao poder oligárquico e à ordem. Deus, assim, foi ungido à figura de Patrão do Céu e Jesus Cristo, convertido em seu tropeiro para tanger o rebanho de almas rio-grandenses no latifúndio celeste. Mais uma vez, um instrumento da “civilização ocidental cristã” excluía as culturas sincréticas africanas e indígenas do imaginário de uma sociedade verdadeiramente mestiça e multicultural. Inclusive os sentimentos telúricos de hábitos e costumes autenticamente rurais ou de inspiração latino-americana passaram a ser pressionados ao alinhamento “cetegista”. Estruturando-se habilmente dessa forma, estribando-se na ditadura e sendo uma das suas expressões, o tradicionalismo se impôs como cultura normatizadora.

IHU On-Line - Como o Sr. explica a persistência do culto às tradições gaúchas no cenário sociocultural contemporâneo?

Tau Golin - Precisamos recordar como o movimento tradicionalista foi parido. Historicamente, tratou-se de um dos tantos rebentos singulares do impacto da modernidade industrial que se universalizou com sua força formatadora. Não foi por outro motivo que os esquecidos e singelos “Grêmios Gaúchos” da passagem do século XIX ao XX caducaram em seu tempo de predominância agropastoril e, depois, afloraram timidamente na versão do movimento tradicionalista no pós-II Guerra. Na nova forma, incluiu-se na esfera capitalista sem contradições substanciais, pois todos os seus elementos de hábitos e costumes foram incorporados também como mercadorias. No transcurso de meio século, já é possível perceber as conexões entre modernidade e tradicionalidade e a inserção da segunda na primeira, superando as simploriedades teóricas que insistem em expô-las com excludentes, ou a segunda como reformadora da primeira. Foi no ventre do *fordismo* e da indústria cultural que o tradicionalismo foi gerado. Cavalgando imaginariamente, eis que apeia confortavelmente na globalização, como existência lúdica ou como produto da indústria cultural e mercadoria simbólica. Não são poucos os autores que observam que a pós-modernidade potencializou um dos aspectos da sociedade capitalista contemporânea, convertendo as mercadorias em expressões imagéticas. Desse modo, como parte do todo, o tradicionalismo, em seu estilo neobarroco, adapta-se ainda em melhores condições no modo de produção vigente. Por isso, a força cultural do tradicionalismo advém de sua gênese modernista, o que vale dizer capitalista, e não de um pretense mundo tradicional, cujos ícones não teriam sinergia emulante de comportamento de massa. É essa gênese que o converte em potencialidade mercadológica perfeitamente integrada ao mundo contemporâneo e impotente para se transformar em força cultural e política reformista (a mais recente ilusão de segmentos publicitários e partidários de diversos matizes ideológicos). Como singularidade da vida, carrega a maldição que lhe impossibilita a universalidade, exceto como deturpação grosseira. Apesar disso, depois de meio século de organicidade tradicionalista, o movimento, como expressão hegemônica, já inoculou, irremediavelmente, na identidade sulina um *ethos* imaginário estancieiro e conservador, que estabeleceu cercas insuperáveis para assumir estéticas e plataformas democráticas de inclusão cidadã. A identidade é uma vivência da imaginação e, segundo o modelo tradicionalista, está povoada pela dignificação hierárquica do latifúndio como hipotético lugar da felicidade.

IHU On-Line - O Sr. poderia dar um exemplo prático dessa expansão hegemônica?

Tau Golin - Por exemplo, quando os tradicionalistas impõem modelos curriculares, estão fazendo uma violação do estudante, que, inferior e dominado por forças simbólicas muito superiores a ele, encontra um espelho que já reflete a sua imagem pilchada. A sua identidade, mesmo que ele seja descendente de negros supliciados pelos estancieiros senhores de escravos no passado, assim como todas as demais identificações culturais formativas do Rio Grande, será, na verdade, uma conversão conformada à “imaginação dos outros”. Somente “será” como projeção da representação do “outro”. Esse estudante não suportará a exclusão e, especialmente, na Semana Farroupilha, assumirá o uniforme da pilcha. A escola o vigiará e... o compensará. No Rio Grande do Sul, para auferir se uma escola está falida pedagogicamente, basta identificar a existência em sua estrutura de uma “invernada artística”, especialmente mirim. O educandário, o lugar ideal e constitucionalmente para “saber” e “compreender”, o espaço para aprender a “pensar”, quando se transforma em apêndice de CTG, manda a boa pedagogia (inclusive a conservadora erudita), que, para preservar a sanidade mental dos alunos, seja fechada. Essa escola deixou de ter função minimamente educativa, no sentido clássico do termo, e se converteu em instrumento ideológico, embretando o aluno de forma que veja difusamente o mundo a partir de uma estância simbólica. Sustentada no Estado, na sociedade civil e na mídia, a tautologia gauchesca, como vício discursivo e comportamental,

fechada e alimentada exclusivamente em si, supera hegemonicamente os demais segmentos identificativos do Rio Grande. O Brasil sulino, multicultural e multirracial, ainda não depurou seus entulhos retrógrados, não absorveu as outras visibilidades culturais, ou sequer estabeleceu conversações legitimadas e equalizadoras entre elas. Da especulação da emotividade à expressão da indústria cultural na forma pilhada, o tradicionalismo impera sobre todos como o espectro da identidade regional. Esta é a projeção vencedora dos indivíduos que a inventaram e que a sustentam. Em sua origem, se fossem personagens com outro universo mental, a identidade, como criação dos homens, seria diferente e poderia ter, inclusive a mesma ou superior força telúrica.

IHU On-Line - Como os valores históricos e sociais gaúchos apropriados pelo tradicionalismo poderiam contribuir para a construção de uma sociedade progressista?

Tau Golin - Se alguma importância existe no tradicionalismo, ela não se circunscreve à missão de guardião da “cultura e do modo de vida” de “grupos sociais” dos pagos, mas justamente a dar certa “sociabilidade” aos grandes contingentes humanos, fornecendo o remédio mitologizado da tradição para a doença da alienação social. Um bom serviço do tradicionalismo seria assumir a sua verdadeira natureza e não travestir a sua identidade como expressão folclórica. Da mesma forma, são publicamente irresponsáveis e incultos os poderes públicos que alimentam esse movimento cívico-patriótico artificial, submetendo a ele centenas de crianças e estudantes, em eventos onde se credenciam e se “legitimam”, por força da autoridade, como “identidade-folclórica”. A confusão conceitual já seria enorme em evento de folclore em que o que existe é “recriação artística” e o tradicionalismo se apresenta como expressão monopólica do folclore rio-grandense, excluindo todas as outras manifestações. A cultura já possui os seus complexos problemas intrínsecos. Imagine-se quando passa a ser determinada por interesses turísticos. A superficialidade e a vulgaridade, invariavelmente, serão o seu destino.

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da Semana

EUA E O SEU NOVO REGIME DE GUERRA

*Reproduzimos o artigo a seguir, com o título original “Sobre a Estratégia Americana e o livro de Alain Joxe”, de autoria de Philippe Zarifian. No texto, Zarifian comenta o livro **O Império do Caos**, de Alain Joxe. O artigo foi publicado na revista **Multitudes**, nº. 12, de 18 de março de 2003. Philippe Zarifian é pesquisador e professor da Universidade Marne-la-Vallée (França). Sua área de pesquisa é a sociologia do trabalho. É autor de inúmeros livros. O seu último lançamento se intitula **A quoi sert le travail?** (Para que serve o trabalho). Paris: La Dispute, 2003. Os subtítulos e a tradução são dos nossos colegas do Cepat, de Curitiba, aos quais somos gratos pela sempre fiel colaboração.*

No último número de *Multitudes*⁽²⁾, se encontra uma sinopse crítica do último livro – *O Império do Caos* - de Alain Joxe⁽³⁾, realizada por Marie Gaille-Nilokimov, que expressa a maneira pela qual Joxe tenta pensar a atualização do pensamento republicano, em oposição ao império do caos.

Pensamento bastante pobre para bem dizer, contudo esta sinopse passa, em seguida, por um debate crítico sobre o recurso a Hobbes, discussão que merece em si mesma longos desenvolvimentos, tão demasiadamente fora caricaturado o pensamento hobbesiano. Mas, do mesmo modo que se encontra deixado de lado o essencial, tal análise que propõe Joxe, um dos melhores conhecedores das relações internacionais e da estratégia americana.

Eu gostaria de preencher este vazio, retomando, à minha maneira, as linhas traçadas por Joxe.

A estratégia americana e o seu novo regime de guerra

Em que consiste a estratégia americana e como ela se insere no novo regime de guerra?

É bom dizer que o novo pensamento estratégico levou em torno de 10 anos para se reconstruir no espaço vazio deixado pelo final da Guerra Fria. Era preciso, para a administração americana, repensar estrategicamente o mundo e seu papel e o que por etapas sucessivas, fora feito, enquanto a verdadeira entrada num regime de guerra permanente somente data depois do 11 de setembro de 2001. Alain Joxe, em o *Império do Caos*, retraça precisamente os diferentes elementos que o compõem.

Uma primeira percepção

A nova representação do mundo por Hutington

A primeira pedra foi posta em junho de 1993 pelo célebre artigo de Samuel Hutington, cuja importância se mede melhor atualmente. Intitulado *The Crash of Civilizations?*, este texto anunciava uma nova representação do mundo. Não mais o afrontamento entre dois blocos, procurando restringir um o outro, mas um confronto difuso, multiforme, disseminado, entre civilizações. Ele propõe dividir, estrategicamente, o mundo em 6 ou 7 civilizações, contudo três destas retêm sua atenção: a ocidental, a tao-confuciana e a islâmica. Hutington não visa absolutamente a fazer uma caracterização histórica destas civilizações. Ele explica, como resultante da nova visão política do mundo, que estas três grandes civilizações pretendem a modernidade. E que elas são inconciliáveis, impossíveis de se misturarem. Ele prevê que os choques ocorrerão doravante entre as civilizações, e não mais entre os Estados, ou entre capitalismo e comunismo. As identidades culturais, mais importantes que os interesses econômicos, tornam-se fontes de confrontos coletivos violentos. Entretanto, a globalização deste confronto faz com que possa tomar contornos locais variados e muito instáveis. O conflito

² .- Referência ao n. 12 da revista (março de 2003). *Multitudes* é uma revista francesa trimestral. O grupo que a edita se define como 'coletivo editorial transnacional que tem como ambição intervir de forma criativa no debate intelectual, político e filosófico numa perspectiva de transformação e libertação social'. A revista tem como assíduo colaborador Antonio Negri e intelectuais que se identificam com o seu pensamento.

³ .- Alain Joxe é especialista em estudos de guerras estratégicas e contemporânea. É presidente do Centro Interdisciplinar para a paz e estudos estratégicos (CIRPES), sediado na França. Filho de Louis Joxe, Ministro de Charles de Gaulle e irmão de Pierre Joxe, Ex-Ministro de François Mitterrand. O seu livro *L'Empire du chaos (O Império do caos)* foi publicado pela editora La Découverte, Paris, 2002. O livro não foi traduzido para o português.

israel-palestino, por exemplo, pode ser pensado, conduzido e desenvolvido como um conflito entre a civilização ocidental, judaico-cristã, e a civilização islâmica.

Convém, portanto, identificar, em cada caso, estes contornos. No choque de civilizações, a judaico-cristã representa uma aliança natural que se opõe às duas outras, claramente menos institucionalistas. Evidentemente, há um enorme interesse de evitar toda junção entre a civilização tao-confuciana e a islâmica. É preciso evitar toda e qualquer ocasião dada a esta aliança e, ao contrário, jogá-las uma contra a outra. Huntington pensa ainda em termos de aliança do fronte ocidental, princípio este que será posteriormente abandonado, assim que se afirmar o unilateralismo americano.

Contudo, já está presente em suas proposições toda a dimensão religiosa do pensamento estratégico que se radicalizará em seus textos posteriores. Em sua teo-estratégia, vai se afirmar uma curiosa mistura de racismo religioso (a cristandade ocidental) e de repulsão cada vez mais afirmada pelo Oriente. Perigosas “modernidades” não ocidentais podem vir a surgir, contra as quais é preciso se precaver. Momento importante do novo pensamento estratégico, porque o que existe é, ao mesmo tempo, uma nova visão de mundo, marcada pelo choque entre civilizações não mescláveis, irreconciliáveis, em suas principais culturas, e uma nova dialética do global e do local. O confronto é sempre global em sua essência, mas sempre local em suas manifestações (e é preciso que assim permaneça, pois somente o Ocidente adquiriu a capacidade de combatê-lo de maneira global, em particular através da OTAN que, por ela mesma, deve tornar-se o lugar privilegiado da aliança do Ocidente).

A segunda percepção

O choque de civilizações no pensamento dos Töffler

A segunda pedra foi trazida pelos Töffler: eles raciocinam em termos de revoluções tecno-militares: revolução neolítica (agrária), revolução industrial, revolução eletrônica. O choque de civilizações se estabelece, contudo, entre estas três ondas que coexistem no período histórico atual. Essas civilizações técnicas são antagônicas e segregadas. São estritamente hierarquizadas em posição inferior, média e superior. E elas são absolutamente concorrentes e excludentes. As variedades da civilização (agrária, industrial, eletrônica) seriam homologadas a raças biológicas em luta, na medida em que a miscigenação entre elas é descrita como estéril e que as guerras de genocídio cultural são inevitáveis.

Os tenentes da revolução industrial esmagaram os agrários (caso típico: a Guerra de Secessão Americana), e ainda hoje são tidos como o triunfo anunciado da nova revolução. A recusa de qualquer compromisso entre as três ondas já nos mostra o integracionismo racista que vai faltar tão intensamente ao novo pensamento estratégico americano. E por meio da revolução eletrônica – que vai verdadeiramente revolucionar o armamento americano - vê-se esboçar uma redefinição do campo do Ocidente, porque, se a concentração da civilização número 3 se encontra naturalmente nos Estados Unidos, na Europa Ocidental e no Japão, são os primeiros, de longe, os melhores preparados para este evento pelo seu liberalismo fundador. Neste país, o aristocracismo da terceira onda está ganhando, e a segunda onda (aquela do fordismo), perdendo, enquanto a primeira está tão enfraquecida que é relegável à marginalidade da sociedade americana. Os novos sulistas são os operários do fordismo de massa, dos desempregados drogados das periferias, dos fazendeiros milicianos. Eles já estão perdidos.

O que os Töffler trazem não é uma visão de mundo que seja substitutiva daquela de Huntington, mas uma primeira afirmação, no seio da civilização ocidental, da “pureza” do modelo americano. E um prolongamento das diferenças internas no seio do povo americano. Eles

trazem também e, sobretudo, o destaque sobre a revolução eletrônica como modo de recomposição, ao mesmo tempo, econômico e militar. Nós vemos se configurar uma ruptura: civilização judaico-cristã + controle da revolução eletrônica (que começa a desqualificar, aos olhos dos estrategistas americanos, um país como a Alemanha, visto como engolido pela revolução industrial).

A terceira percepção

A teoria do unilateralismo americano de Anthony Lacke

A terceira pedra é colocada por Anthony Lacke no dia 21 de setembro de 1993, com a substituição do novo paradigma do “*enlargement*” (alargamento) por aquele do “*containment*” (contenção). Não se trata mais de conter a URSS, mas de desenvolver, desde então, um processo ofensivo para a expansão do “mundo livre”. A noção de “mundo livre” muda necessariamente de significação.

Ela não se põe mais em oposição ao mundo comunista ou totalitário. De fato, o mundo se encontra polarizado entre extrema barbaridade e plena civilização. A civilização se identifica com a democracia e com o mercado. Ela tem à frente, não um bloco totalitário, mas uma barbaridade difusa, e deve agir de maneira, ao mesmo tempo, expansiva e preventiva. A barbaridade não se contém, ela se erradica.

É sobre esta base que Lake publica, pela primeira vez, a teoria do unilateralismo americano: nas zonas bárbaras, a ação unilateral dos Estados Unidos, militar e/ou humanitária, deve ser usada tão freqüentemente quanto necessário for. E ela não deve ser paralisada pelos princípios do multilateralismo do qual a ONU é a encarnação. Um unilateralismo global contido já claramente nos discursos de Clinton na ONU, no dia 27 de setembro de 1993 (há aproximadamente 10 anos).

Vê-se, assim, ser colocado, desde esta época, um novo pilar estratégico: choque de civilizações + revolução eletrônica + alargamento ofensivo decidido de maneira unilateral.

Esta concepção vai ser afinada por uma conceitualização mais sofisticada dos caracteres do novo ambiente mundial. As civilizações adversas, as agrárias-industrialistas de uma era precedente, os bárbaros, não se manifestam como um bloco unificado, mas de maneira atomizada, segmentada, imprevisível e complexa. O mundo torna-se particularmente perigoso, imprevisível, caótico. Os estados-nações estão tendenciosamente em processo de desintegração, sob a forma de subdivisões étnicas ou de rede. É preciso, portanto, que os Estados Unidos conduzam uma guerra global, contra um adversário disseminado, num universo que, definitivamente, cesse de se bipolar. O unilateralismo se justifica enquanto existir *alter ego*. As alianças perdem sua razão de ser.

A estratégia americana

Desta maneira, como Joxe o expõe, à luz da análise, chega-se a uma representação do mundo dominado pela estrutura autista do pensamento estratégico americano. O retorno sobre uma visão não interativa da relação com o outro (que ele seja inimigo potencial ou aliado) derivado da anulação do bloco inimigo e de um pensamento americano que somente tem por referência ele próprio (o que adquire toda sua significação assim que os outros tornam-se bárbaros ou terroristas). Os americanos apenas vêem o mundo através deles mesmos.

A liderança dos Estados Unidos sobre a civilização ocidental e desta última sobre o resto do mundo tornou-se o eixo de uma hierarquização e segregação mundiais irreversíveis.

A busca da ação guerreira localizada, ao mesmo tempo, global em sua significação e local, em sua ofensiva “expedicionária”, ações que se acumulam em uma duração para se submeter ao mundo (ou desarmar sua periculosidade).

A condenação das referências da civilização não-cristã como intrinsecamente não democrática e bárbara.

Os neoconservadores da equipe de Bush radicalizaram as percepções anteriores

Além do que Joxe escreveu, é preciso levar em conta, desde então, os neoconservadores da equipe de Bush que apenas promovem a radicalização dessas concepções. Pode-se perceber, primeiramente, a convergência entre o integracionismo judaico-sionista e o integracionismo protestante. Richard Perle e Paul Wolfowitz têm uma experiência pessoal e de ligações fortes com a facção radical do sionismo (aquela representada por Sharon), relançando um anacrônico anticomunismo de outrora. Perle, considerado como a verdadeira cabeça pensante desta equipe atual, foi contra todas as ameaças vindas do universo “obscuro” não ocidental e contra a fraqueza daqueles que, nos Estados Unidos ou em Israel, procuram compromissos com o inimigo.

O autismo é levado aos seus limites

EUA e Israel

Elas reencontram o integracionismo protestante de Bush: os americanos representam o novo povo eleito, e Bush se descobre investido pela Providência de uma missão quase divina. Mas, é menos a dimensão religiosa e intensamente racista enquanto tal que sobrevém do que a maneira pela qual se encontra, nestes personagens, exacerbada pela visão de sua missão como portadores da civilização (capitalista) judaico-cristã, concebida como radicalmente oposta à rudeza dos não civilizados.

O autismo é levado aos seus limites: o outro é sempre inimigo potencial. O estrangeiro é bárbaro. Os conciliadores são traidores. As aproximações com a política de Sharon são evidentes: é exatamente o mesmo pensamento, a mesma visão do mundo, as mesmas práticas que animam os neoconservadores americanos e o governo de Israel, há uma única diferença: Israel alia destruição, assassinatos e contenção, enquanto os Estados Unidos querem e podem ficar inteiramente móveis. Eles destroem as forças adversas com um máximo de violência, beneficiando-se, de uma considerável desigualdade nos meios militares; instalam bases, esquadrinhando o Planeta, mas evitando cuidadosamente ficarem permanentemente em alguma região.

A estratégia é detalhada

Em seguida, a estratégia é detalhada. Paul Wolfowitz, atual número 2 do Pentágono, expressa muito claramente a idéia matriz. Os Estados Unidos devem dominar o mundo, impedindo toda força potencialmente concorrente e perigosa de emergir, por ataques preventivos que destruam essas forças ainda embrionárias. A luta dita anti-assimetria permite detalhar esta estratégia: pode-se definir a assimetria como a capacidade de todo ator de combater os Estados Unidos, utilizando as novas vulnerabilidades ligadas à globalização. A transnacionalização dos riscos, a interconecção informacional e infra-estrutural dos sistemas americanos aos sistemas mundiais de segurança coletiva que eles montaram, o acréscimo de potência dos atores delinqüentes, estatais ou subsoberanos (redes terroristas, máfias, etc.) a disseminação das tecnologias, a fraca possibilidade de discriminar o inimigo em contextos conflituais cada vez mais complexos.

Dos três pilares da estratégia americana

De um lado, um reforço inédito dos meios de defesa e de segurança de seu território, que é a contrapartida de suas intervenções ofensivas no resto do mundo e dos riscos que elas geram. O 11 setembro reforçou potentemente esta primeira faceta.

Por outro lado, os ataques massivos, mas precisos, contra toda força, podendo, atualmente ou no futuro, adquirir uma potência significativa. Face a uma ameaça, real ou fictícia, os Estados Unidos lançam um ataque preventivo, e, ao mesmo tempo, se exercitam militarmente em escala global, graças à sua rede de bases e ligações de dependência costuradas com as forças locais. A definição do Eixo do Mal permitiu listar os atuais focos de perigo. Mas, duvida-se que as estratégias americanas, bem que polarizadas atualmente sobre os islamitas (ou melhor, sobre os focos que existem no seio da civilização dita islâmica), sabendo perfeitamente que o inimigo maior é a China, única potência futura a poder desafiar sua hegemonia. O único inconveniente nesta estratégia é que ela deve ocorrer por etapas: todo ataque local, exigindo, para evitar todo risco de fracasso e o mínimo de baixas americanas possíveis, uma forte concentração do poderio militar americano. Antes de estar de novo inteiramente disponível para um ataque futuro, eles não podem ter vários fronts ao mesmo tempo, ou ao menos, evitando fazê-lo. Foi o que a Coreia do Norte compreendeu perfeitamente, aproveitando-se da situação no Iraque para reforçar seu armamento e, sem dúvida, colocar os Estados Unidos em dificuldade política preventivamente (com a conivência da China)

Monopolizar o avanço tecnológico

Finalmente, guardar um forte avanço tecnológico sobre o resto do mundo, em particular graças a um controle inédito dos meios de observação e de informação, diretamente associados aos sistemas de comando e ataque com integração dos sistemas. A contra-assimetria reside, em particular, na produção permanente desta assimetria em benefício do poderio militar americano. E numa atividade permanente dos Estados Unidos para evitar que outras potências possam se dotar de meios equivalentes. Por exemplo, a administração americana torpedeou o projeto europeu de construção de uma rede de satélites de observação.

EUA - um novo regime de guerra

Ao mesmo tempo que importa compreender este pensamento estratégico, também não é necessário exagerar sua dimensão enquanto tal. Ela se associa ao que eu propus chamar: um novo regime de guerra, que ultrapassa a estratégia propriamente militar, porque o fundo comum das diferentes etapas de elaboração deste pensamento estratégico não é somente a vontade de constituir um “império”, mas o medo do caos que a globalização econômica e financeira gera.

Se Alain Joxe fala do império do caos, eu falaria da mesma forma do império reativo, que reage permanentemente ao caos, do regime de manobra, consideravelmente segregado e desigualitário, do capitalismo em sua fase atual de globalização, que gera paralelamente às decomposições dos conjuntos humanos dos períodos históricos precedentes (decomposição das nações e dos povos, decomposição das classes sociais...). Império do caos e do contra caos, ao mesmo tempo império do medo. O ataque contra o Iraque é somente uma etapa. Se a administração americana reina pelo medo, utilizando-se deste, ela também tem medo de um mundo desintegrado, rebelde e vetor de emancipação, que lhe escape no movimento, mesmo que ela tente submetê-lo. Deste ponto de vista, o regime de guerra, como suas causas, não se limita aos Estados Unidos, diversos traços estão presentes na atuação dos governantes e estrategistas da Europa Ocidental, se bem que esta seja atravessada por intensas contradições neste plano.

Deu nos Jornais

Fundos de pensão podem dobrar seu patrimônio

A Reforma da Previdência

O empurrão dado pela Reforma da Previdência ao mercado de planos privados de aposentadoria poderá duplicar o patrimônio dos fundos de pensão nos próximos quatro anos. A carteira de investimentos dessas entidades, avaliada em R\$ 200 bilhões, deverá chegar a R\$ 420 bilhões até 2007. Segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, 9-9-03, a estimativa é do presidente da Abrapp (Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar), Fernando Pimentel. “Se somarmos o incremento dos fundos de órgãos de classes e de sindicatos, que estão sendo autorizados, com os planos que serão oferecidos aos novos funcionários públicos, dobraremos o potencial de R\$ 200 bilhões para R\$ 420 bilhões em 2007”. Francisco de Oliveira, sociólogo, em entrevista publicada no **Jornal da Unicamp**, julho/agosto 2003, analisa a Reforma da Previdência sob a ótica dos Fundos de Pensão. Vale a pena conferir.

Metrô de São Paulo tem nova queda de usuários

Desemprego faz com que aumente o uso de bicicletas

O Metrô de São Paulo voltou a registrar queda na quantidade de passageiros no mês passado: foram transportados 60,86 milhões de usuários, redução de 2,3% na comparação com agosto de 2002. Segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, 9-9-03, no acumulado dos oito primeiros meses de 2003, a diminuição da demanda foi de 1,9% em relação ao mesmo período do ano passado: de 339,5 milhões para 332,9 milhões. É como se 27,5 mil passageiros tivessem deixado de usar esse sistema diariamente. Um dos principais motivos para a diminuição dos passageiros do Metrô é a crise econômica. Uma pesquisa do Itrans (Instituto de Desenvolvimento e Informação em Transporte), divulgada no mês passado apontou que a população com renda mensal inferior a três salários mínimos estava deixando de utilizar os meios de transporte coletivo para andar a pé ou de bicicleta. O estudo apontava que desempregados tinham deixado de procurar vagas, principalmente longe de onde moram, por falta de recursos para pagar as passagens.

Ricos e pobres nas universidades

Os dados do PNAD

“Sempre se disse que, no Brasil, o ensino superior público, de melhor qualidade, dá acesso privilegiado aos filhos das famílias mais ricas, que podem estudar em escolas secundárias privadas, enquanto o ensino privado fica para os estudantes mais velhos, com menos recursos, que não conseguem passar nos vestibulares. No entanto, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE de 2001, só disponíveis agora, mostram um quadro bastante diferente”. Inicia assim o artigo de Simon Schwartzman, sociólogo, ex-presidente do IBGE, publicado no jornal **O Estado de S. Paulo**, 9-9-03. Segundo o PNAD, “metade dos estudantes das escolas privadas fazem parte dos 10% mais ricos da população, com uma renda familiar média de cerca de R\$ 4.500 por mês; no setor público, só 34,4% têm essa renda. No outro extremo, 11,7% dos alunos do setor público vêm da metade mais pobre da sociedade, com renda familiar de R\$ 482 ou menos, enquanto a proporção deste grupo no setor privado é de

5,4%". O artigo constata que "nos dois setores, a maioria dos estudantes trabalha, mas o setor público, no qual existem menos cursos noturnos, tem uma situação um pouco mais privilegiada: 40% de estudantes não trabalham - no setor privado, são 32%. Os alunos das instituições públicas tendem a trabalhar mais em cargos públicos, em atividades na área social e em ocupações técnicas e profissionais". O artigo conclui com a seguinte afirmação: "O setor privado, que tem crescido tanto nos últimos anos, sofre hoje o impacto do baixo poder aquisitivo de muitos de seus alunos. Com a abertura cada vez maior do setor público aos estudantes de baixa renda, é provável que o setor privado tenha de aceitar a perda desta clientela, da mesma forma que ela foi perdida anos atrás no ensino secundário, quando o ensino público de nível médio cresceu e se massificou. Isso não seria mau, se o setor público tiver condições efetivas de atender de forma adequada aos segmentos mais pobres e o setor privado não ficar com o monopólio exclusivo da qualidade".

O filme "A batalha de Argel" inspira o Pentágono

O diretor Gillo Pontecorvo comenta

O jornal Herald Tribune noticiou que o Pentágono estuda e se inspira no filme "A batalha da Argel", dirigido pelo italiano Gillo Pontecorvo, para ilustrar as técnicas de guerrilha, pensando no Iraque. Gillo Pontecorvo, em entrevista ao jornal italiano *La Repubblica*, 9-9-03, diz que, avisado por seu amigo Roman Polanski, que estava perplexo, ao contrário, não se surpreendeu. Ele conta que, para fazer o filme, entrevistou, em Paris, alguns torturadores que lhe contaram muitas verdades. "E é esta verdade que marca ainda, hoje, o filme. Os próprios torturadores expressaram entusiasmo pelo filme, apesar de aparecerem como cruéis, reconheciam a honestidade do relato. De resto, de todos os meus filmes se diz que são feitos com 'a ditadura da verdade'. E é assim. Sempre descartei qualquer elemento que pudesse ferir a verdade", afirma G. Pontecorvo na entrevista. E conclui afirmando: "Fiz um filme de denúncia do tratamento desumano sofrido pelo povo argelino. Contudo sei que, na Argentina, aqueles filhos da puta do regime militar usaram "A batalha de Argel" também com este sinistro objetivo. Espero que paguem isso até o fim".

Cancún: terceiro-mundo é o perdedor da globalização

Opinião de 72% da população francesa

Por ocasião da reunião da Organização Mundial do Comércio – OMC – em Cancún, na semana passada, uma pesquisa publicada no dia 7-9-03, pelo jornal francês *Le Journal du Dimanche*, 72% dos franceses acham que o Terceiro Mundo faz parte dos 'perdedores' da globalização. 79% consideram que os EUA fazem parte dos 'ganhadores' da globalização. 63% da população acham que a França está entre os 'ganhadores'. 52% dos entrevistados disseram que conhecem os movimentos antiglobalização.

OMC, fator de desigualdades

A opinião do representante da África do Sul em Cancún

"A Organização Mundial do Comércio – OMC – não é mais que um instrumento. Mas os mais expertos, os países desenvolvidos, sabem usá-lo melhor. Podemos exportar laranjas e tomates, mas não podemos exportar suco de laranja ou suco de tomate. Por quê? Porque nos defrontamos com as regras sanitárias. Um outro exemplo? A cana-de-açúcar faz viver 15 mil camponeses no nosso país. Desde que a União Européia ou os EUA exportam açúcar subvencionado ao Japão, o nosso deixou de ser competitivo. Eles dizem para nós: 'Entrem com um processo no tribunal da OMC. É um direito de vocês!'. Mas quem já ouviu que um país pequeno obteve ganho de causa na OMC e foi capaz de

exigir as compensações financeiras de um país grande? Se esta justiça funciona entre os elefantes do comércio mundial, ela não funciona entre um elefante e uma formiga. Este é o drama do OMC, seu tendão de Aquiles: ela favorece regras que os menos fortes não podem nunca converter em direitos... A OMC é ainda um grande fator de desigualdades". Este depoimento é de Sehlolo Francis Moloi, membro da delegação da África do Sul, publicado no jornal francês *Libération*, 10-9-03.

Agricultura é nossa sobrevivência

O duro jogo em Cancún

"Se não há concessões reais da parte dos EUA e da Europa sobre a agricultura, nada avançará nesta reunião de Cancún. Trata-se da nossa sobrevivência: 80 milhões de indonésios de 200 milhões são pequenos agricultores". O depoimento é Gusmardi Bustami, embaixador indonésio na OMC e publicado no jornal *Libération*, 10-9-03.

A negociação é desigual demais

O depoimento do representante do Níger

Gabo Boureïma, membro da delegação do Níger, em depoimento publicado no jornal *Libération*, 10-9-03, afirma: "O Níger não tem nem representação permanente na OMC. Tomemos o acordo que acaba de ser assinado sobre os genéricos para lutar contra as pandemias (Aids, malária ou tuberculose). Nós estamos diretamente interessados nesta negociação. E, no entanto, somos incapazes de saber como este acordo será aplicado na realidade. Nunca haverá negociação com armas iguais entre países em desenvolvimento e países do Norte enquanto nós não teremos uma certa autonomia para compreender o que está em jogo nas negociações em Genebra. Apesar das ajudas técnicas, nada mudou. O que fazer para que um saco de arroz americano importado pelo meu País não seja menos caro que o custo de produção de um saco de arroz nigeriano? Os países mais fracos ficam totalmente reféns das negociações que vão além do quadro da OMC. Como outros países, nós sofremos as pressões para que alguns dossiês se resolvam o mais rapidamente possível. E quase sempre...para benefício do Norte".

Um outro mundo é possível

Como fazer para que isso aconteça?

A revista *Alternatives Économiques*, setembro de 2003, dedica a matéria de capa ao tema: *Porque o livre comércio não poderá nutrir o mundo*. O subtítulo é: 'OMC: A batalha de Cancún'. No editorial assinado por Philippe Frémeaux, a pergunta é: "Sim, um outro mundo é necessário. Mas como fazer para que isso aconteça? Como agir e em que direção? É aqui que as dificuldades começam. Tomemos a questão agrícola: como conciliar as posições defendidas pelo presidente Lula, do Partido dos Trabalhadores, e por José Bové, que fala em nome da Confederação dos Camponeses? O primeiro deseja desenvolver as exportações agrícolas brasileiras, o segundo recusa essas exportações em nome da defesa da agricultura francesa, mas, bem entendido, ele é favorável às exportações do *roquefort*, feito com o leite das ovelhas do Larzac. Quem tem razão?". O editorial conclui: "construir um outro mundo é, portanto, se opor às lógicas dominantes, mas também negociar os compromissos entre os interesses legítimos e, às vezes, contraditórios".

A OMC e a Agricultura

840 milhões de pessoas são desnutridas

O dossiê publicado pela revista *Alternatives Économiques*, setembro de 2003, que busca mostrar que o livre comércio não é capaz de nutrir o mundo, analisa um relatório da FAO. O relatório informa que 840 milhões de pessoas no mundo são desnutridas. Uma situação que se explica por causas políticas ou econômicas, e não por falta de produtos alimentícios. Segundo o dossiê, “parece possível que sejamos capazes de nutrir até 11 bilhões de seres humanos de hoje até o ano 2150, data na qual a população mundial deverá se estabilizar. A fome não é, portanto, uma fatalidade ligada com a insuficiência de recursos, mas o reflexo das desigualdades econômicas e sociais: se a subalimentação existe é porque uma parte dos habitantes do Planeta não tem acesso à terra ou à renda que lhes permitiria adquirir o alimento”.

Estas regras sufocam os fracos

A opinião de José Bové sobre a OMC

O jornal italiano *La Repubblica*, 10-9-03, publica um breve depoimento de José Bové sobre a reunião de Cancún. Para Bové, “a maioria da população mundial vive graças à agricultura. Desde 1995, quando foi criada a OMC, as pessoas famintas aumentaram de 800 para 840 milhões. Não se pode obrigar os países pobres a abrirem as suas fronteiras para importações agrícolas a preços inferiores dos internos. Se não for reforçada a capacidade interna de produção, se não forem protegidos os mercados locais, regionais e nacionais, não haverá desenvolvimento possível. O risco é que êxodos maciços de populações rurais para as cidades provoquem uma catástrofe. É por isso que lutamos pelo direito à soberania alimentar. Nós queremos que a reunião da OMC em Cancún fracasse, porque é necessário bloquear a liberação dos mercados que até agora só trouxeram conseqüências negativas”.

Salvador Allende

Vida e morte

26 de junho de 1908 – Salvador Allende Gossens nasce em Valparaíso, numa família de classe média alta.

1925 – Em Santiago entra na Faculdade de Medicina da ‘Universidad de Chile’, onde inicia a sua vida política, aproximando-se do marxismo e do socialismo e se inscreve na maçonaria.

1932 – Forma-se em Medicina e é, pela primeira vez, preso por causa da sua atividade política.

19 de abril de 1933 – Está entre os fundadores do ‘Partido Socialista de Chile’.

Julho de 1935 – É preso e confinado.

1936 – Participa da criação da ‘Frente Popular’ e é eleito para a Câmara.

1939 – Casa-se com Hortensia Bussi Sotto, professora de História.

1939-1942 – É Ministro da Saúde no governo da Frente Popular liderado pelo radical Pedro Aguirre Cerda.

1942 – É eleito secretário geral do ‘Partido Socialista de Chile’.

1945 – É eleito Senador.

1951 – Participa da criação da ‘Frente del pueblo’, juntamente com o Partido Comunista Chileno.

1952 – É candidato a Presidente da República pela ‘Frente del pueblo’. Obtém 52 mil votos.

1958 – É candidato presidencial pela Frap – ‘Frente de acción popular’ – constituído pelos socialistas e comunistas. Perde para o conservador Jorge Alessandri.

1961 – Allende participa em Punta del Este, Uruguai, na reunião da kennediana ‘Aliança para o Progresso’, denunciando, juntamente com Che Guevara, o seu caráter colonialista e propagandístico.

1964 – Pela terceira vez, é candidato à Presidência da República, ainda pela Frap. Foi derrotado por Eduardo Frei, da Democracia Cristã.

1966 – Allende é eleito presidente do Senado.

4 de setembro de 1973 – Na quarta tentativa, como candidato da 'Unidad Popular', formada no ano anterior, vence as eleições presidenciais com 36,3%. Derrotou Tomic, candidato da Democracia Cristã.

24 de outubro de 1973 – O Congresso Nacional o elege Presidente da República com 153 votos.

11 de setembro de 1973 – Morre, se suicidando, durante o ataque ao Palácio La Moneda, pelos golpistas liderados pelo general Augusto Pinochet.

A derrocada da democracia chilena e seu impacto na América Latina

A análise de Manuel Garretón, sociólogo chileno

O golpe militar chileno que derrubou o governo Allende, em 11 de setembro de 1973, “é a ilustração dramática dos grandes desafios que viveu a América Latina durante quase meio século” – escreve o sociólogo chileno Manuel Garretón, da Universidad de Chile, no artigo do dia 11-9-03, no jornal argentino **Clarín**. Segundo o sociólogo, “os quatro desafios são o fracasso e a derrota dos projetos populares de transformação social; ditaduras militares que tentam impor a sangue e fogo um novo sistema socioeconômico e político com formas absolutamente inéditas de repressão massiva que as compara, em graus diferentes, com o Holocausto; transformação do seu modelo de desenvolvimento com novas formas de dependência e um processo de transição que recupera a democracia, mas deixa pendentes as tarefas relativas à sua qualidade e relevância”. Para Manuel Garretón, “seria um erro grave pensar que a queda da democracia chilena somente tem como principal responsável o governo da Unidade Popular”.

A moratória argentina

O comentário de um economista brasileiro

O economista Paulo Nogueira Batista Jr, no artigo publicado na **Folha de S. Paulo**, dia 11-9-03, escreve: “Nos últimos 20 anos, repetiu-se *ad nauseam* que moratórias são desastrosas e devem ser evitadas a todo custo. Um país que suspende o serviço da dívida, afirma-se, sofre represálias de vários tipos e fica sem crédito externo e acesso a capitais estrangeiros por longo período. Essa é a sabedoria convencional sobre o tema.

A experiência do Brasil e de diversos outros países desmentiu essas afirmações várias vezes, principalmente nas suas variantes mais catastróficas. O caso mais recente é o da Argentina, que está em moratória sobre a maior parte da sua dívida externa há mais de um ano e meio. Depois da interrupção de pagamentos, a economia argentina começou a se recuperar e deve crescer entre 5% e 6%, em 2003. As relações com os credores estão tensas, mas não aconteceram represálias significativas. Repare bem, leitor, como são as coisas. Curiosamente, apesar da moratória, a Argentina experimentou, em 2003, grandes influxos de capitais externos, que vinham provocando valorização indesejada do peso. Em fins de junho último, o governo argentino resolveu desestimular a entrada de capitais, estabelecendo um prazo mínimo de permanência de 180 dias para operações não relacionadas a comércio exterior e investimentos produtivos. Os credores privados estrangeiros (majoritariamente europeus) não têm visto a cor do seu dinheiro desde fins de 2001. Estão sendo pagos, porém, os empréstimos de organismos multilaterais (FMI e outros) e títulos em mãos de credores nacionais (Roberto Frenkel, ‘La

recuperación actual y la incertidumbre sobre el futuro', La Nación, 31 de agosto de 2003). Contudo, a Argentina entrou em moratória com o FMI, ao suspender um pagamento de US\$ 2,9 bilhões”.

Kirchner assina acordo com FMI

Depois da moratória, o acordo é favorável

O governo argentino fechou um acordo com o FMI depois de declarar a moratória. Para o ex-negociador do FMI para a América Latina, Cláudio Loser, segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, 11-9-03, o acordo fechado entre a Argentina e o FMI afeta a 'credibilidade' da instituição. Ele se referia especialmente à meta de superávit primário de apenas 3% para o ano de 2004. “O FMI pode perder margem de manobra na hora de negociar com outros países, como o Brasil por exemplo”, disse Loser. No caso do Brasil, o acordo em vigor, que expira em novembro, impõe a meta de superávit fiscal de 4,25%. Membros do governo brasileiro defendem que em um eventual novo entendimento os investimentos de empresas estatais sejam excluídos dos cálculos das metas fiscais. As negociações devem começar ainda neste mês. Se correto o raciocínio de Loser, a 'vitória' argentina abriria maior margem para as reivindicações brasileiras.

Palocci telefona e dá apoio à Argentina

Kirchner sente falta de ligação de Lula

O Ministro da Economia da Argentina, Roberto Lavagna, disse ontem ter recebido um telefonema de apoio do seu colega brasileiro Antonio Palocci Filho, titular da pasta da Fazenda. Segundo Lavagna, o Ministro brasileiro disse ter falado em nome do Presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva e teria oferecido apoio nas negociações entre os argentinos e o Fundo Monetário Internacional. Segundo os jornais argentinos, Kirchner esperava um telefonema de Lula no dia em que a Argentina anunciou que não pagaria uma parcela de dívida de US\$ 2,9 bilhões para o Fundo. Kirchner recebeu telefonemas ou manifestações de apoio dos presidentes do Chile, Ricardo Lagos, da Colômbia, Álvaro Uribe, do Peru, Alejandro Toledo, e do México, Vicente Fox.

Argentina e o FMI

Kirchner: um negociador firme

“Depois de negociações que pareciam se encaminhar para o impasse, a Argentina e o Fundo Monetário Internacional (FMI) chegaram a um acordo que permitirá o refinanciamento de US\$ 21,9 bilhões, dos quais US\$ 12,5 bilhões se referem a dívidas com a própria instituição e o restante a compromissos com outros organismos multilaterais. É um passo importante na tentativa de recuperação do principal parceiro regional do Brasil. A percepção de que Néstor Kirchner foi um negociador firme, negando-se a ceder em pontos que o próprio Ministro da Economia, Roberto Lavagna, inclinava-se a aceitar, deverá contribuir para reforçar ainda mais a já elevada popularidade do Presidente argentino”. A opinião é a do editorial da **Folha de S. Paulo**, 12-9-03. Para o jornal, “a principal vitória de Kirchner foi a redução da meta de superávit nas contas públicas para 2005, que ficou em 3% do PIB contra os 4,5% desejados pelo FMI. O governo conseguiu, também, em decisão pouco usual, manter indefinidas as metas para os anos subsequentes, que dependerão de avaliações sobre o desempenho da economia. Outro ponto importante para Kirchner foi a ausência de regras sobre as tarifas públicas, atualmente congeladas”. Segundo o editorial, “as concessões, com presumível apoio de Washington, não deixam de conter algum reconhecimento do Fundo sobre sua co-autoria no desastre que foi o 'modelo' de liberalização implantado no país vizinho. É preciso ter em mente, no entanto, que,

embora o objetivo fiscal seja bem menos rigoroso do que o fixado no último acordo com o Brasil (os mesmos 4,5% do PIB), ele exigirá esforços do governo, que para este ano comprometeu-se com 2,5%. Na última década, o país nunca produziu superávit dessa magnitude”.

Brasil e o FMI

Uma comparação com a Argentina

“Para comparação com o Brasil: o superávit que o FMI exige da Argentina, pós-calote, é de 3%, em vez dos 4% que pretendia, enquanto o Brasil, sem que o FMI exigisse, aumentou o seu de 3,75% para 4,25% (e, ainda por cima, nada pediu em troca). Tudo somado, você, leitor, tem a obrigação de duvidar, doravante, de tudo o que lhe disserem a respeito dos inexoráveis males que afetarão países que saírem da linha”. Clóvis Rossi, jornalista, faz a comparação da posição brasileira frente ao FMI com a do governo Kirchner, na **Folha de S. Paulo**, 12-9-03.

Argentina e FMI

Um ponto de inflexão

O jornal argentino **Clarín**, 12-9-03, comentando o acordo da Argentina com o FMI, depois de declarar a moratória, afirma: “a Argentina voltou a se transformar num novo caso típico para o FMI. Se nos anos 1990, a Argentina representou o modelo a ser seguido em termos de reformas estruturais e privatizações, agora, a percepção é que ela é o modelo de como conseguir um acordo com o FMI estando em *default* e que não incluía um super ajuste nem as reformas econômicas que ele costuma exigir”. Um representante financeiro de um país sul-americano que não quer se identificar, constata, no jornal: “O acordo que acabam de assinar com o Fundo é um ponto de inflexão. Marca um antes e um depois. Outros países como Brasil e Turquia pedirão as mesmas condições”. E conclui: “É totalmente inédito que um país em *default* tenha logrado a flexibilidade que obteve a Argentina: agora todos vão querer o mesmo”.

Acordo FMI e Argentina aborrece Köhler

Acordo feito sob pressão

Segundo o jornal **O Globo**, 12-9-03, “o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Horst Köhler, está profundamente aborrecido com o acordo fechado pelo organismo com a Argentina. Os banqueiros privados, credores de cerca de US\$ 90 bilhões da dívida externa do país, também estão descontentes. Ao expor ao conselho de diretores os detalhes da conclusão do acordo, Köhler se queixou das pressões feitas pelos EUA para que o FMI fechasse as negociações. Segundo pessoas presentes ao encontro, o diretor-gerente do organismo disse que tinha simpatias pelo presidente Néstor Kirchner, mas que lamentava o resultado das negociações: ‘Estou desgostoso com as enormes pressões sofridas pelo Fundo para a aprovação do programa. Eu preferia um programa mais exigente que, no fim das contas, seria melhor para o país’ — disse Köhler, segundo fontes, lembrando que ele evitou mencionar os EUA como os responsáveis por tais pressões, mas deixando clara tal responsabilidade”.

Brasil apoiou ou não a Argentina?

Eis a questão!

“O presidente da Argentina, Néstor Kirchner, mandou ontem um recado para seu ‘bom amigo’, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Perguntado sobre o silêncio de Lula nos dias anteriores à assinatura do acordo com FMI, Kirchner respondeu: ‘Pois é, parece que algumas pessoas se resfriaram durante algumas horas’ — disse ele, que destacara o apoio recebido por parte de diversos países, até mesmo dos EUA”. A notícia é do jornal **O Globo**, 12-9-03.

O FMI piscou

Saia justa para o governo brasileiro

Tereza Cruvinel, na coluna Panorama Político, no jornal **O Globo**, 12-9-03, comenta, sob o título 'O FMI piscou' comenta o acordo Argentina-FMI: "eis então que a moratória não é blasfêmia e que seus praticantes não serão punidos com o fogo do inferno e as pragas do mercado. A Argentina suspendeu o pagamento de uma parcela ao FMI e imediatamente conseguiu que fossem aceitas quase todas as suas exigências. Não enfrentou por isso qualquer terremoto financeiro. O presidente argentino, Néstor Kirchner, reclamou a falta de solidariedade de Lula e deixou o governo numa saia justa, desafiado a também obter um acordo melhor para o Brasil. Na bancada do PT, muitos não escondiam certa frustração por ter o Presidente argentino assumido uma posição 'mais dura' que a adotada pelo governo Lula. Este prontificou-se a aumentar o superávit primário para 4,25% do PIB e agora Kirchner brigou para que o da Argentina fosse mantido em 3%. O Brasil tornou-se aluno exemplar do Fundo enquanto o vizinho valeu-se do calote para obter vantagens. O deputado Paulo Bernardo, um dos melhores interlocutores da bancada com a área econômica, admite que agora será preciso reconsiderar a situação. 'Sem dúvida, a Argentina alterou os parâmetros de negociação. A verdade é que endureceu, e o FMI piscou. Estamos desafiados a fazer um acordo igual ou melhor. Ou então, a não fazer acordo algum. É uma hipótese. O Brasil ficaria livre do monitoramento, mas perderia a segurança propiciada pelo cheque especial do FMI", diz ele. Segundo a jornalista Tereza Cruvinel, "sabe-se que, num primeiro momento, o governo brasileiro não apenas ignorou a jogada argentina como ficou irritado com ela, temendo conseqüências para o Mercosul e para o Brasil. Divulgou-se que Palocci ligou para seu colega argentino Lavagna, prestando solidariedade, mas, segundo o jornal **Clarín**, o que faltou foi um telefonema de Lula para Kirchner. Ontem ele agradeceu o apoio recebido de Lagos (Chile), Uribe (Colômbia) e Fox (México), ironizando a posição de Lula. Posto em saia justa, o governo brasileiro foi lacônico sobre o assunto".

Declarar moratória reduz dívida

A conclusão é de um estudo do FMI

Documento divulgado dia 11 de setembro pelo FMI revela que países que declararam moratória, como a Argentina, têm grandes chances de diminuir consideravelmente a carga de suas dívidas em relação ao PIB (Produto Interno Bruto) e voltar a crescer em um prazo relativamente curto. A notícia está publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 12-9-03. O estudo analisou os casos de 26 países entre 1970 e 2002 que tiveram uma redução importante em suas dívidas públicas por períodos médios de três anos. Dos 26 países, 19 declararam moratórias e reduziram a carga da dívida pública de maneira consistente nos anos seguintes. Segundo a análise do Fundo, as moratórias acabaram forçando os credores a uma reestruturação mais vantajosa dos débitos. "A grande maioria dos episódios [de redução da dívida] esteve associada a moratórias. Embora não seja possível determinar com exatidão o impacto da reestruturação no tamanho da dívida, ela aparece como um fator importante por trás da redução da relação dívida/PIB", diz o documento. O estudo mostra, ainda, que, entre os 19 casos de países que reduziram suas dívidas após uma moratória, 10 conseguiram manter a relação dívida/PIB em um percentual abaixo do nível que os levou originalmente à suspensão do pagamento das dívidas.

OMC: colonialismo e *apartheid*

A opinião de uma intelectual indiana

Arundhati Roy, intelectual indiana, que participou do Fórum Social Mundial, neste ano de 2003, em entrevista ao jornal italiano **La Repubblica**, 12-9-03, comenta o suicídio do agricultor sul-coreano em Cancún, durante a conferência da OMC. Ela afirma que, no seu país, a Índia, no estado meridional de Karnataka, a dois passos do Vale do Silício da Índia, em Bangalore, cada ano mais de 600 camponeses se suicidam porque o que colhem não lhes permite viver. São mortes menos dramáticas do que a de Lee Kyang Hae, mas sumamente inquietantes. “Isso não acontece somente no sul pobre, também no Punjab, o estado mais rico da Índia. Na minha zona, o Kerala, muitas fazendas estão fechando. O ponto é que o pequeno agricultor não consegue nem chegar ao mercado. A Índia importa do exterior arroz, chá e muitas outras coisas que os agricultores indianos produzem: e isso graças aos subsídios que a Europa e os EUA dão aos seus agricultores, abençoados pelas regras da OMC. Isso não é justo. Isso é uma forma de exploração, como o colonialismo e o *apartheid*. Por isso é preciso lutar contra a OMC”.

Frases da Semana

Os povos indígenas no Governo Lula

“No governo Lula, os povos indígenas adquiriram invisibilidade política, insignificância na agenda e nem sombra de importância no Orçamento”. – Conselho Indigenista Missionário – CIMI – pronunciando-se sobre o novo presidente da Funai, Mércio Pereira Gomes – **Folha de S. Paulo**, 9-9-03.

Criminalização do MST

“Está havendo um processo de sintonia de agressão e de decisões [do Judiciário]. Querem apagar o fogo colocando mais combustível. Há uma decisão fechada no país de combate ao trabalhadores rurais” – Maria de Oliveira, ouvidora agrária nacional substituta – **Folha de S. Paulo**, 13-9-03.

Fingir que estamos educando?

“É mentira dizer que tem boa educação pagando o salário atual aos professores. E nós, governos estaduais, municipais e federal, temos que canalizar mais recursos para isso. Senão, vamos cometer o maior crime que é não apenas abandonar a educação, mas, pior do que isso, fingir que estamos educando. Temos que acabar com isso. O fingimento é dizer que as crianças, ao estarem na escola, já estão aprendendo. Não estão”. – Cristovam Buarque, Ministro da Educação – **O Globo**, 10-9-03.

Dinheiro público para a escola pública

“Hoje o governo federal gasta R\$ 1,5 bilhão com subsídio a quem tem filho na escola particular. Isso tem que acabar. Dinheiro público tem de ser para a escola pública”. – Cristovam Buarque, Ministro da Educação – **Folha de S. Paulo**, 11-9-03.

Argentina e o FMI

“Espero não ouvir mais a palavra *default* (calote) daqui por diante”. – Horst Köhler, diretor-gerente do FMI, comentando o caso argentino – **O Globo**, 12-9-03.

“Pois é, parece que algumas pessoas se resfriaram durante algumas horas”. – Nestor Kirchner, presidente da Argentina, comentando a falta de apoio de alguns países, quando da crise com o FMI. A imprensa interpretou a frase como uma referência ao governo brasileiro. – **O Globo**, 12-9-03.

MEMÓRIA

UM SÉCULO NAS NARRATIVAS DE HANS JONAS

Celebrando o centenário de nascimento do autor do livro **O princípio responsabilidade. Uma ética para a civilização tecnológica**. Original alemão: *Das Prinzip Verantwortung*, Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1979. Aqui citamos a tradução italiana: **Il principio responsabilità. Un'etica per la civiltà tecnologica**. Torino: Giulio Einaudi, 1990. Lamentavelmente, este livro não foi traduzido para o português. Hans Jonas também é autor dos livros, entre outros de **The Phenomenology of Life. Towards a philosophical Biology**. Phoenix Edition, 1982. Citamos a tradução francesa: **Le phénomène de la vie. Vers une biologie philosophique**, Paris-Bruxelles: De Boeck Université, 2001 e de **Dem bösen Ende näher**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1993. A tradução francesa que usamos intitula-se: **Une éthique pour la nature**. Paris: Desclée de Brouwer, 2000.

O artigo a seguir, de autoria da filósofa Donatella Di Cesare, foi publicado no jornal **II Manifesto**, em 4 de setembro de 2003. Donatella Di Cesare é professora de Filosofia na Università di Roma La Sapienza. Depois de ser laureada em Roma, em Filosofia, estudou filosofia, filologia clássica e lingüística geral na Università di Tubinga, onde obteve o doutorado. De 1986 a 1996, trabalhou como assistente no Departamento de Estudos Filosóficos e Epistemológicos da Università di Roma La Sapienza. De 1996 a 1998, ganhou uma bolsa de estudos da Alexander von Humboldt-Stiftung para estudar na Università di Heidelberg, junto a Hans-Georg Gadamer.

Enquanto a Alemanha se prepara para recordar o filósofo no centenário do seu nascimento, sai um volume de conversações que passa por diversos gêneros: da autobiografia à literatura de exílio, à história de amor.

Publicadas há alguns meses, as **Recordações** de Hans Jonas são, na Alemanha, já quase um bestseller. A edição do livro faz parte das tantas iniciativas, em grande parte organizadas pelo Centro Hans Jonas de Berlim (Hans Jonas-Zentrum Berlin), para recordar, no decorrer deste ano, o filósofo hebreu no seu centenário. O livro, que é uma singular combinação dos mais variados gêneros, da autobiografia à literatura de exílio, da história de amor ao ensaio filosófico, nasceu de uma longa série de conversações (mais de 30 fitas gravadas) com Rachel Salamander, e é publicado pela Editora Suhrkamp.

Numa narrativa convincente, o filósofo percorre, juntamente com a sua vida, todo o século passado. Nascido em Mönchengladbach, no dia 10 de maio de 1903, Jonas repensa ainda, enquanto vai narrando, as opções políticas e a decisão de estudar filosofia. Friburgo, Berlim e Marburgo são as etapas do seu percurso formativo. É aluno de Husserl, mas decisivo foi o encontro com Heidegger. Sob a sua orientação, mas também a do grande teólogo Rudolf Bultmann, escreve a tese de doutorado **O Conceito de gnose**, publicada em 1928,

inaugurando um tema que não abandonou nos anos seguintes. Ainda que faça parte dos alunos que romperam com Heidegger, não mantendo mais nenhuma relação com ele, a sua figura nas **Recordações** é dominante e, ao mesmo tempo, embaraçosa: “a mudança que o filósofo mais profundo da época precipita no rumoroso passo cadenciado” dos nazistas constitui um dos nós enigmáticos do livro e, evidentemente, também do século. A posição que Jonas assume é clara: não se tratou somente de um erro de uma pessoa, mas bem mais do que isso, da “derrota catastrófica da filosofia, de uma vergonha na história mundial, do fracasso do pensamento filosófico”. E H. Jonas confessa: “imaginava, então, que a filosofia devia proteger a gente de coisas do gênero(...) e fui obrigado a reconhecer que ela não impedia coisa nenhuma de pagar um tributo a Hitler”.

Em 1933, Jonas emigra primeiro para Londres, e depois, em 1935, chega à Palestina. A paisagem muda decisivamente, e as recordações do filósofo, que ainda muito jovem aderira ao sionismo, se concentram sobre as esperanças daqueles anos até a fundação do Estado de Israel. Em 1943, casa-se com Haifa Lore Weiner, que permanecerá ao seu lado até o fim. Mas os acontecimentos da Europa não ficam fora da sua vida.

Tendo entrado na famosa Brigada Hebraica, combate na Áustria, na Itália e finalmente entra na Alemanha em 1945. As páginas do livro se tornam téticas. A sinagoga de Mönchengladbach tinha sido arrasada. Na sua velha casa, habita um ‘novo proprietário’, um alemão que lhe pede para que “não acredite nestas histórias dos homicídios e do gás” e lhe oferece a possibilidade de retomar alguns móveis. É aqui que Jonas chega a saber da deportação da mãe, primeiro no gueto de Lodz e depois em Auschwitz. E contudo, admite sem hesitar, nem naquele momento ‘o mundo se me tornou um lugar hostil’. Muitos anos depois, em 1984, Jonas dedicará a Auschwitz uma reflexão teológica propondo um novo conceito de Deus que renuncia à própria onipotência para dar espaço ao agir responsável do homem – uma tentativa de interpretar os lugares de extermínio.

Depois de ter ensinado em Israel, Jonas se transfere primeiro para o Canadá e depois para os EUA onde, em 1955, é chamado pela New School for Social Research de Nova York, a universidade que acolhe, em grande número, os intelectuais e os filósofos alemães fugidos do nazismo. É o momento de um grande reencontro: aquele com Hannah Arendt, a amiga que não encontrava desde os tempos de Marburgo e que nunca esquecera. As **Recordações** são dedicadas também a ela e à sua relação intelectual em que não faltaram contrastes e disputas que, no entanto, na sua riqueza, foram absolutamente indispensáveis para Jonas.

Enquanto escreve **O princípio responsabilidade** que, publicado em 1979, terá um sucesso e uma difusão realmente raros para um livro de filosofia, foi a Hannah Arendt que confiou a leitura da parte central da obra, submetendo-se à sua crítica. Na tentativa de refundar uma ética para a civilização técnica, Jonas mira uma reconciliação do homem com a natureza: trata-se de limitar o poder do homem, isto é, a sua capacidade de transformação e de alteração da natureza. Esta autolimitação do homem – compendiada na expressão “deixar ser” (*Seinlassen*) – passa por uma assunção de responsabilidade no confronto não somente com os homens, mas com todos os seres vivos.

A natureza, na sua autofinalidade, se torna, então, fundamento e modelo desta ética. Jonas discutirá, além disso, algumas das implicações bioéticas que decorrem daí: da eutanásia à questão das manipulações genéticas. Nas **Recordações** volta ainda à crítica de Hannah Arendt: “recusava a idéia que a responsabilidade fundamental do homem fosse derivada biologicamente da ordem da natureza; do seu ponto de vista, a responsabilidade é uma relação

instituída livremente que se desenvolve pela pólis, pelo viver junto na comunidade política”. Se depois esta leitura biologistica da teleologia da natureza de Jonas for aceitável ou não, é uma questão que permanece aberta nas **Recordações** e que esta obra, de certa maneira, reabre. Na modéstia que o distingue, Jonas se exprime com tons quase irônicos sobre o sucesso da sua obra, um sucesso que pouco teve a ver com a filosofia, tanto mais que “as partes verdadeiramente originais, que repropunham uma revisão da perspectiva filosófica”, uma renovação da filosofia do ser, foram, por fim, ignoradas.

ACONTECE

EDITORA UNISINOS LANÇA SUA MAIOR OBRA

Dicionário de ética e filosofia moral foi traduzido e publicado pela Editora da Universidade

No final do mês de outubro, a Editora Unisinos estará lançando oficialmente o **Dicionário de ética e filosofia moral**, organizado por Monique Canto-Sperber. Com 323 artigos, a obra será apresentada em dois volumes, com capa dura, em formato 17,5cm x 24cm.

Cada artigo tem uma média de seis páginas com 112 artigos sobre temas, noções e conceitos, 73 sobre novas questões da ética, 85 sobre filósofos e 53 sobre história da filosofia moral.

Suplementarmente, há os índices de conceitos gregos, o de doutrinas, escolas e correntes de pensamento, o de nomes e o remissivo, que orientam os consulentes.

Mais de 250 conceituados pensadores de várias nacionalidades compõem o corpo de redatores. Entre eles, Rémi Brague, Paul Ricœur, Pierre Hadot, J. B. Schneewind, André Comte-Sponville e Henry Allison. Entre os temas tratados, pode-se encontrar amor, vontade, clone, comunidade, solidariedade, empresa, epistemologia, natureza, política, hedonismo, qualidade de vida, racismo, prostituição, bem e mal, nihilismo, droga, ética penal, não-violência. Dentre os filósofos com que se ocupa, o dicionário vai de Aristóteles a Wittgenstein, de Foucault a Lévinas, de Platão a Ricoeur.

Este acontecimento, singularmente importante para a Editora Unisinos e para a Universidade, inspirou a realização das entrevistas a seguir, com a organizadora da obra Monique Canto-Sperber, que concedeu a entrevista por e-mail, com Prof. Dr. Pe. Marcelo Fernandes de Aquino, Vice-Reitor da Unisinos e coordenador do PPG de Filosofia e Carlos Alberto Gianotti, diretor da Editora Unisinos.

A FILOSOFIA É MAIS DO QUE NUNCA PLURAL E ABERTA

Entrevista com Monique Canto-Sperber

*A organizadora do dicionário, Monique Canto-Sperber é filósofa e membro do Comitê Consultivo Nacional de Ética para as Ciências da Vida e da Saúde da França. Confira a entrevista concedida pela filósofa a **IHU On-Line** por e-mail.*

IHU On-Line- Quais foram os ecos da publicação do *Dicionário de ética e filosofia moral* na França?

Monique Canto-Sperber- As críticas foram muito boas. Foi a primeira vez que uma obra enciclopédica, reabilitando a moral como disciplina informada e racional ficou disponível. A imprensa e os leitores também apreciaram o fato de que a ligação entre filosofia, literatura e correntes de pensamento estava sublinhada, e sobretudo que a filosofia moral se encontrava presente na sua dimensão internacional.

IHU On-Line- O que a Sr^a. pensa do fato de uma universidade brasileira publicar o Dicionário em português?

Monique Canto-Sperber- Muitas coisas me ligam ao Brasil. É um país fascinante. Tive a oportunidade de ir aí fazer conferências e de descobrir a comunidade intelectual brasileira. Os filósofos brasileiros estão sob a influência tanto da história da filosofia quanto da filosofia analítica. Eu creio que eles apreciarão a dupla orientação, histórica e analítica, do Dicionário.

IHU On-Line- O que a ética tem a dizer à nossa civilização?

Monique Canto-Sperber- A ética insiste na presença de regras universais que dizem respeito à igualdade entre os seres e ao respeito devido a cada cidadão. Mas a ética também insiste na coexistência, no seio das culturas, de várias tradições morais, ligadas à Antiguidade, ao cristianismo, à filosofia das conseqüências. A aliança entre ética de convicção e ética da responsabilidade está no centro de nossa experiência moral atual.

IHU On-Line- A moral é uma palavra em forte desuso, um tanto escura para nosso tempo. Em que aspectos ela poderia ter um brilho renovado?

Monique Canto-Sperber - A melhor maneira de reabilitar a moral é mostrar que ela não corresponde a preconceitos e nem a opiniões emitidas apressadamente, mas que ela consiste em um procedimento reflexivo e crítico sobre a ação humana e seus limites.

IHU On-Line- Como vê o momento atual da filosofia?

Monique Canto-Sperber- Mais do que nunca ela é plural e aberta, o que é uma coisa boa.

IHU On-Line- Estamos no mês dos atentados de 11 de setembro. Considerando as respostas armadas dos EUA, quais as reais possibilidades de podermos considerar uma nova ordem mundial?

Monique Canto-Sperber - Vários cenários são possíveis. Um mundo dominado por uma hiperpotência. Ou um mundo multipolar, onde várias potências mais ou menos iguais poderiam se equilibrar. Parece-me, entretanto, que a melhor ordem que se poderia desejar seria aquela na qual se encontraria uma frente unida das democracias preocupadas em dar peso a seus valores.

IHU On-Line- Em um artigo publicado no jornal Le Monde, a Sr^a. respondia à pergunta “o que permanece do socialismo?”. Dentro da herança socialista, o que morreu e o que responderia às principais necessidades da contemporaneidade?

Monique Canto-Sperber- Muitas das idéias socialistas ainda são atuais. Por exemplo: o voluntarismo político, a idéia de emancipação individual em um meio coletivo, a idéia de que políticas públicas podem melhorar a vida das pessoas. O que morreu, por outro lado, diz respeito ao coletivismo, à diminuição da pessoa em benefício da sociedade, e ao papel muito forte do Estado na regulamentação das atividades humanas.

“DAR RAZÕES DE NOSSAS OPÇÕES ÉTICAS”

Entrevista com Pe. Marcelo Aquino

Sobre o significado do lançamento desta obra, *IHU On-Line* conversou com o Vice-Reitor da Unisinos, Prof. Dr. Pe. Marcelo Aquino SJ. Marcelo Aquino é professor do PPG em Filosofia, do Centro de Ciências Humanas e doutor e pós-doutor em Filosofia, mestre em Teologia.

***IHU On-Line* – Qual o significado de a Editora Unisinos traduzir para o português uma obra como o *Dicionário de ética e filosofia moral*?**

Marcelo Aquino – Como instituição ligada à Companhia de Jesus, a Universidade e sua Editora têm uma espécie de compromisso de desenvolver ações que sejam consistentes com a missão da Companhia. Eu creio que, nesse momento de grande transição cultural, alguns falam de uma revolução profunda e silenciosa, que é a extensão planetária da revolução da tecnociência, é importante que pessoas alinhadas com as causas da humanidade tenham acesso à boa literatura filosófica ou à literatura de caráter ético. Foi isso que ensejou a idéia inicial de traduzir esse dicionário de ética e filosofia moral, organizado pela filósofa francesa Monique Canto-Sperber. A primeira edição foi publicada em 1996 e já está na terceira. Em um país de tradição cultural tão forte como a francesa, esse dicionário, em tão poucos anos, já tem conhecida sua terceira edição, dando um pouco mostra do valor da sua compactez teórica. A terceira edição se caracteriza por 30 novos verbetes. A lista dos autores é muito ampla, creio que os nomes mais representativos do pensamento filosófico-ético, pelo menos da tradição européia, estão aí presentes.

***IHU On-Line* – O que torna tão necessário, na situação atual da sociedade, a existência de uma guia ética e moral?**

Marcelo Aquino – Todas as questões que a bioética e a tecnociência vão nos expando, nós temos que nos preparar para dar razões de nossas opções éticas. As nossas escolhas éticas devem ser sustentadas universalmente e devem ser capazes de dar razões de si mesmas. Temos a obrigação de nos informar, de construir argumentos em favor dessa ou daquela opção ética. Creio que o dicionário vem preencher uma lacuna no sentido de propiciar o acesso a temas relevantes de ética, a autores clássicos e contemporâneos importantes na discussão ética.

***IHU On-Line* – Quais as expectativas em relação ao aproveitamento da obra por parte da comunidade universitária?**

Marcelo Aquino – Eu estou seguro de que o Dicionário terá boa acolhida e destaco o risco que uma edição como essa comporta, porque sempre o passo foi ponderado, mas é um passo que carrega uma certa carga de risco. Assumir um bom risco é algo que nos dignifica. Gostaria de destacar que o professor Gianotti, diretor da Editora, foi muito receptivo à idéia, sempre acolheu bem as várias etapas da tradução. Traduzir um dicionário desse porte, numa editora ainda pequena, como a da Unisinos, é um tremendo desafio. Tem que montar uma equipe de tradutores, revisores da língua portuguesa, uma equipe do ponto de vista da técnica filosófica. Enfim, a equipe merece um tributo todo especial pela maneira séria e verdadeira com que abraçou e causa dessa tradução.

“O MAIOR EMPREENDIMENTO DO MERCADO EDITORIAL EM 2003”

Entrevista com Carlos Alberto Gianotti

IHU On-Line- Estamos diante do maior empreendimento da Editora Unisinos?

Carlos Alberto Gianotti- Sem dúvida é a maior obra publicada. É, certamente, também, o maior empreendimento editorial dentre os das editoras universitárias brasileiras; se não for o maior, está entre os maiores. A Edusp, a EdUnesp e a EdUnB, as três maiores editoras universitárias nacionais, a cada ano têm suas publicações de porte, e eu acredito que o nosso dicionário está entre elas. Diria mesmo que é das obras mais importantes do mercado editorial brasileiro em 2003.

IHU On-Line- Qual é o significado desse fato para a Editora e a Universidade?

Carlos Alberto Gianotti- É uma obra que chama a atenção, não passa despercebida. Mais do que uma obra da editora ele é institucional. Vai levar ou relevar o nome da Universidade aos formadores de opinião.

IHU On-Line- Como foi o processo de tradução e publicação da obra?

Carlos Alberto Gianotti- Em 2000, os padres Marcelo Fernandes de Aquino e Inácio Neutzling trouxeram esse dicionário em francês. Nós avaliamos o material com vistas a uma possível publicação. A opção por publicar o Dicionário foi, na verdade, ousada, pois somos uma editora com uma estrutura pequena. É um dicionário volumoso, e os textos que o compõem não são simples. Muitos deles já tinham sido traduzidos de outros idiomas para o francês. Em março de 2000, começou o trabalho que, como se vê, durou mais de três anos e meio. Um ano para ser traduzido por quatro tradutores. A tradução gerou cerca de cinco mil páginas de originais em português. Disso partimos para a revisão técnica, isto é, a leitura do texto por especialistas para ver se não tem deslizes de tradução do ponto de vista técnico, afinal, os tradutores não precisam ser especialistas no assunto que traduzem. Estruturamos uma equipe inicialmente de cinco pessoas para fazer a revisão técnica, filósofos de São Paulo e Rio. Foi a parte mais demorada do trabalho. Eles levaram quase dois anos para fazer a revisão. Depois, passamos para uma outra única pessoa, da área da filosofia, que também é tradutor e que funcionou como um editor assistente meu, o Nélio Schneider. Ele preparou os originais traduzidos, cuidou de detalhes desde as referências bibliográficas até os caracteres gregos.

O passo seguinte foi o trabalho de diagramação e revisão de provas, ou seja, a leitura quando a obra já está diagramada. Cada página do dicionário foi lida por três revisores. Para tanto, montou-se uma equipe de 19 revisores de português, a maioria deles professores da Universidade.

IHU On-Line- Chegou a pensar que não iria dar certo?

Carlos Alberto Gianotti- Ao longo do caminho, surgiram diversas dificuldades. Fazer a tradução de um texto é complicado, é uma arte, não é só redigir na ordem direta, o que está escrito. Quando se lê a tradução, a tendência é criticar. Os revisores técnicos acabavam por fazer a crítica da estrutura da linguagem do tradutor e não só da terminologia da tradução. O mesmo, depois, com os revisores de texto. Isso acabava por entrar um pouco o processo, mas nada que não fosse esperável num projeto desse porte. Houve momentos que foram mais difíceis, mas nunca achei que se deixasse de publicar o dicionário, que se viesse a abandonar o projeto, mas tinha muita preocupação. Enfim, a edição da obra me preocupou intensamente, inclusive em função de custos. Foi um grande investimento da Universidade.

IHU On-Line- Como e quando está previsto o lançamento?

Carlos Alberto Gianotti- Pretendemos fazer uma solenidade interna, na Universidade, no final de outubro. Também faremos um painel sobre ética e filosofia moral durante a 49ª Feira do Livro de Porto Alegre, em conjunto com o PPG em Filosofia, provavelmente no dia 13 de novembro, às 17h, na Sala do Santander Cultural.

EVENTOS IHU

CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL

Dia 11 de setembro aconteceu o **Ciclo de Estudos sobre o Brasil** - 2ª. etapa, com o Prof. Dr. André Moreira Cunha, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O tema do evento foi a apresentação do livro **Formação econômica do Brasil**, de Celso Furtado. O evento já foi realizado em novo ambiente, na sala 1G119, junto ao IHU, local fixo para as próximas edições.

Ecoss do Evento

“Estou achando o Ciclo muito interessante, principalmente a explanação de hoje, pois me senti mais inteirado e consegui acompanhar melhor o assunto. O professor André fez uma análise muito clara do que é o Brasil hoje. Escolhi fazer o *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, porque acho importante estudar nosso país através de obras clássicas, para conhecer a realidade. Se quisermos executar uma transformação, precisamos ter uma base sólida de conhecimento”.

Leonardo Grison, aluno do curso de Ciências Econômicas da Unisinos.

“O professor falou pouco sobre o livro propriamente dito, e se deteve muito nas obras de Celso Furtado. Foi interessante, porque ele forneceu uma base, fazendo uma retrospectiva histórica brasileira, que facilitou a compreensão do tema. Na minha opinião, ele não precisava fazer isso, poderia ter ido direto para a obra. Como sou da área de história, a explanação acabou sendo redundante”.

Alexandre Paim Vieira, professor da Rede La Salle de ensino.

“A palestra de hoje foi excelente. O tema é polêmico, complexo e o professor André conseguiu abordar essa temática de uma forma clara, para facilitar a compreensão do pensamento e da análise de Celso Furtado”.

Edi Medeiros, assessora técnica de História e Geografia da Prefeitura Municipal de Guaíba.

“Achei a exposição muito interessante do ponto de vista da análise dos fatos atuais, principalmente sob a ótica da Economia, que é a área que estudo. Atualmente estou cursando uma disciplina que se chama Formação Econômica do Brasil, que está extremamente relacionada com o assunto visto hoje. Entre os tópicos que o professor André abordou, me

detive mais na Crise de 29. Penso que é importante conhecer o passado para entender o presente. Inscrevi-me no Ciclo, porque os temas me atraíram e porque ele oferece horas complementares para meu currículo”.

Paulo Gomes, aluno do curso de Ciências Econômicas da Unisinos.

Confira a programação do Ciclo para o semestre:

Data: 09 de outubro
Horário: 14h às 17h
Local: Sala 1G119
Livro: **A revolução burguesa no Brasil** - Florestan Fernandes
Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva - pesquisador na Fundação de Economia e Estatística (FEE)

Data: 16 de outubro
Horário: 20h às 22h
Local: Auditório Central
Tema: *Perspectivas do Brasil com o novo governo*
Prof. Dr. Francisco de Oliveira - professor na USP

Data: 23 de outubro
Horário: 17h30min às 19h
Local: Sala 1G119
Tema: *A contribuição do gaúcho para a construção da identidade nacional*
Prof. Dr. Donald Schüller - professor aposentado pela UFRGS

IHU IDÉIAS

Na última edição do **IHU Idéias**, dia 11 de setembro de 2003, o tema debatido foi *11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard*, com o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, professor na PUCRS. O professor Juremir fundamentou sua explanação na diferença que o autor francês propõe entre fato e acontecimento. Machado se autodenominou um “falso porta-voz” de Baudrillard, já que não foi por ele designado para falar de seu pensamento, mas em diversas oportunidades foi convidado para fazê-lo. No início da apresentação, o professor lembrou da última vinda de Baudrillard ao Brasil, convidado por ele, para lançar o livro **Power Inferno**, Porto Alegre: Sulina, 2003, em maio deste ano, na 11ª Bienal Internacional do Livro, quando foi acometido por uma malária que o deixou hospitalizado por uma semana, no Rio de Janeiro.

Ecos do Evento

“Conseguí entender bem o pensamento de Baudrillard através da explanação do professor Juremir. Ele tem uma veia cômica interessante que prende a atenção. A explanação seguiu sob uma perspectiva pós-moderna, fazendo com que o 11 de setembro se transformasse numa narrativa. Pensando assim, como ficam os bilhões de seres humanos que vão morrendo nesses ‘acontecimentos’? Foi uma explanação muito instigante como iniciativa acadêmica”.

Profª. Simone Valdete dos Santos, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

“Foi importante a explanação, porque o professor Juremir balizou alguns conceitos e contextos quanto ao pensamento baudrillardiano, diante dos acontecimentos e fatos sociais atuais. Já conhecia o professor Juremir e achei o tema muito interessante”.

Rafael Fogaça, advogado.

A FILOSOFIA DE THEODOR W. ADORNO CELEBRANDO O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

*Na próxima quinta-feira, dia 18 de setembro, a Profª. Drª. Márcia Tiburi, do PPG em Filosofia da Unisinos, abordará o tema Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz. Márcia Tiburi é mestre em Filosofia pela PUCRS e doutora em Filosofia pela UFRGS, com tese intitulada Dialética negativa: superação negativa e a transformação da Filosofia em Theodor W. Adorno. Além da graduação em Filosofia, Márcia também é graduada em Artes Plásticas. A professora é autora do livro **Crítica da Razão e Mimesis no pensamento de Th. W. Adorno**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1995. Confira a entrevista com a filósofa:*

IHU On-Line- Quais as principais idéias que irás apresentar na exposição "Os cem anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz"?

Márcia Tiburi - Adorno ficou famoso com sua *Dialética do Esclarecimento* de 1947, livro escrito junto com o amigo Max Horkheimer logo depois da II Guerra Mundial. Nesse livro, ele elabora o conceito de Indústria Cultural e as pertinentes análises sobre a dominação da natureza, da razão instrumental, da convertibilidade entre mito e Iluminismo, a fundação da subjetividade moderna nos tempos homéricos, as semelhanças entre Sade e Kant e reafirma um programa filosófico que iniciara pelo menos 15 anos antes, e mais tarde (mais precisamente em 1966) receberia o nome, para muitos assustador, de *Dialética negativa*. O livro de 1947 é uma análise da burguesia e da sociedade moderna que recria, a cada momento, a sua contradição máxima: a barbárie que deveria ter sido superada pela civilização. O teor complexo da crítica elaborada no livro levou um famoso leitor, ex-aluno de Adorno (Habermas), mas que infelizmente não entendeu bem a sua obra, a chamá-lo de “negro” e a imputar-lhe teses absurdas, tais como a da crítica total que esfaca a razão e acaba com a chance de um futuro para a cultura e a humanidade.

O pessimismo da obra de Adorno é bem conhecido, mas o conceito que o organiza é mais sofisticado: refere-se ao passado, não ao futuro, e ao fato inexorável de que o sofrimento vivido não poderá ser reparado, assim como os mortos não podem ser ressuscitados: para esses, não haverá justiça. Esta é uma verdade que a filosofia não pode deixar de encarar, mas, como dirá o próprio Adorno em outro livro, *Minima Moralia*, o fracasso da cultura até agora não é motivo para que incentivemos o seu fracasso. Adorno será crítico, mas não será nostálgico de um passado bom, nem “simplesmente” pessimista de um futuro ou um presente maus. Antes, é um filósofo disposto a encarar os fatos da história e pensar a reconstrução do ideal da humanidade. A obra de Adorno é extensa, e é preciso, hoje, rememorar-lo como pensador da ética e da política que trabalha com a vocação prática do pensamento, com a proposta de uma teoria (conhecida como Teoria Crítica) que tem a intenção de, avançando para além dos limites do pensamento *tout court*, ser capaz de melhorar as condições materiais e concretas da vida das

pessoas. Isso significa que a Teoria é, para Adorno, uma forma de prática e, como tal, transformadora, ao providenciar a reflexão e a interpretação da realidade, mas também o que lhe dá ordem e norte.

Adorno foi muito conhecido por sua estética, parte fundamental de sua obra, mormente sua teoria musicológica (além de seus estudos sobre música ele era compositor, ou seja, mais do que crítico, um artista) mas ele é, sobretudo um pensador da ética e da política, do conhecimento e, inclusive, da metafísica. Suspeito que a atenção demasiada à sua Estética tenha se dado pelo fato de que seu livro *Teoria Estética* ficou inacabado, diante de sua morte em 1969, mas também porque talvez seja a última grande estética da história da filosofia. Porém, ainda é possível que essa atenção amenize ou desvie a força e a acidez de seu pensamento para outros campos. Não quero dizer com isso que a Estética seja menos relevante, mas foi isso o que a tradição da filosofia nos fez pensar. Basta olhar os currículos e programas dos cursos de filosofia para vermos as conseqüências práticas dessa postura.

A estética será importantíssima na obra de Adorno segundo o lugar político que uma teoria sobre a arte pode ocupar no campo da fundamentação do conhecimento e da ação. A arte é lugar de abismamento, de crítica, de contraposição não apenas a um tipo de razão, mas sobretudo a um modo de vida. Penso que a estética de Adorno, apesar da extrema importância que dá às artes, também é uma teoria sobre o corpo e o sofrimento e isso remete a discussão da estética para a política.

IHU On-Line- Qual é importância de Adorno na filosofia e qual a atualidade do seu pensamento?

Márcia Tiburi - Adorno morreu em 1969 e seu pensamento ainda não foi compreendido e assimilado. Uma das bases de seu pensamento, a idéia do recalçamento, pode ser bem aplicada à sua própria obra. Outros pensadores de nosso século, mesmo tendo uma obra menor, são bem mais conhecidos. Penso que isso se deva ao teor cáustico de sua retórica e de suas idéias. Para citar uma delas: nem todo pensador será capaz de achar viável provar que, se a vida fosse melhor, a filosofia seria inútil, de que também a filosofia participa do princípio de autoconservação que impede a solidariedade,. Adorno dirá, lembrando Marx em sua famosa **11ª tese sobre Feurbach**, que a filosofia só continua existindo, porque deixou passar o momento de sua realização, e isso significa que o mundo não foi transformado, mas precisa ainda ser transformado, e essa transformação deve começar pela própria autocrítica da teoria. E, em Adorno, essa autocrítica será levada até suas últimas conseqüências.

Assim, a relevância de seu pensamento se mostra sobretudo para a atualidade política, mesmo considerando o fato de que sua recepção tenha se dado mais pelo campo da estética. Adorno é autor da famosa frase "Não é possível fazer poesia depois de Auschwitz", que ele mesmo corrigiu dizendo que talvez isso fosse falso diante de outra questão menos cultural: se é possível continuar vivendo depois de escapar de um assassinato legal, ou seja, qual o estatuto dessa sobrevivência? Adorno foi um filósofo do testemunho, alguém marcado pela condição judaica no período do nazismo alemão e pelo exílio nos EUA. Dessa perspectiva, é possível entender não apenas o dito de Nietzsche, de que a filosofia é sempre uma auto-exposição de seu autor, mas também a importância da questão do sofrimento e do conceito de experiência em sua filosofia. Adorno entendeu a filosofia como tarefa de eliminação do sofrimento, como solidariedade do intelectual com a vida daqueles que sofrem e, tudo isso, em um registro materialista. Nesse sentido, ele fez uma utopia e uma metafísica negativas, que pretendia compreender a ontologia (a teoria do ser) da condição falsa, da vida em seus limites e transformá-la. A questão da vida danificada (do livro *Minima Moralia*) é fundamental, pois, por meio dela, Adorno poderá discutir o significado atual da vida, como conceito que ultrapassa a

biologia e atinge a política. Por outro lado, a questão da experiência o aproxima de seu amigo Walter Benjamin (morto por suicídio em 1940, quando fugia dos nazistas), no fato e no texto, ao ponderar o sentido e a sensibilidade fundadores da memória, da capacidade de comunicação e expressão e da oportunidade de se contar o vivido como algo que escapa da trama histórica com a guerra e o sofrimento.

IHU On-Line- O que Auschwitz mudou no curso da filosofia?

Márcia Tiburi - A experiência com as guerras é central para a filosofia do século XX. Eric Hobsbawm dirá que o século começa com a primeira guerra e termina com a queda do muro de Berlim. Auschwitz representou, para Adorno, o próprio lugar do *non-sense* da civilização que, em seu ápice, se entrega à barbárie. Como aceitar que, numa Alemanha que estava no topo da ciência, das artes, da literatura, da filosofia, o genocídio se gestasse sob argumentos e ações racionais? Para ele, tratava-se de uma traição da razão a si mesma e da demonstração de que o progresso prometido pelo Iluminismo não previra suas próprias conseqüências, pois não soubera avaliar seu próprio processo e ponderar a questão de um inconsciente, de um lugar do recalco da história. Assim, Auschwitz vale como metáfora de uma civilização que destrói a si mesma com a ajuda da razão. Não se trata, como seria fácil pensar, de que Adorno, como meio-judeu, fizesse uso retórico desse evento funesto a fim de contabilizar uma culpa histórica, mas interessa-lhe o momento da decisão racional do extermínio, do genocídio pensado e projetado em tempos em que a humanidade deveria ter tudo para realizar a promessa de uma sociedade feliz.

É curioso que Adorno, nascido ironicamente em 11 de setembro de 1903, tenha vivido nos EUA e escrito um trabalho intitulado *A Personalidade Autoritária* que analisa o potencial fascista americano. Mais tarde, em um texto também bastante conhecido, chamado *Educação após Auschwitz*, ele afirmou que o nazismo sobrevive, sendo uma constante da civilização como desejo de destruir o mais fraco que se inscreve na cultura nos termos da relação ainda não resolvida entre razão e afeto, entre capacidade de decisão e ódio.

IHU On-Line- Qual é a crítica que desde hoje pode ser feita a Adorno e à Escola de Frankfurt?

Márcia Tiburi - Uma Escola é sempre uma farsa. Walter Benjamin, por exemplo, muito próximo de Adorno, não pertenceu a essa Escola. Horkheimer e Marcuse também são pensadores muito ricos e é difícil dizer que sejam da Escola. Gosto mais da definição de “Teoria Crítica”, mas mesmo essa é controversa. Adorno não é facilmente classificável e criticou esse modo classificatório de operar do pensamento. De qualquer modo, penso que os motivos e impulsos desses pensadores ainda não foram compreendidos e é tempo de dialogar com eles, pois seus temas são, ainda, os temas do nosso tempo.

A filosofia de Adorno nos ensina a entrelaçar as áreas do conhecimento: nele, ética e estética, metafísica e política estão reunidos em uma constelação. Os temas arte, corpo, conceito, ação, educação, cultura, entrelaçam-se. Penso que esse filósofo anunciou a tendência atual para a interdisciplinaridade e que sua concepção de um método do conhecimento, a dialética negativa, poderia ajudar mais o presente, caso fosse compreendido, estudado e aproveitado para a ação.

Confira a próxima sessão do *IHU Idéias*:

25/09/03 – “A domesticação do exótico” – Profª. Drª. Paula Caleffi, professora na Unisinos

O **IHU Idéias** é um evento gratuito que acontece todas as quintas-feiras, na sala 1G119, junto ao IHU, das 17h30min às 19h. Ao final da explanação, sempre são servidas bebidas: chocolate quente, café e água.

HUMANITAS ARTE

Os interessados e as interessadas em arte, podem ir se agendando para a segunda edição do evento **Humanitas Arte**. O artista plástico Paulinho Chimendes, mestre na arte da litografia, terá suas obras expostas na Sala de Seminários 1 da Biblioteca da Unisinos, no período de 6 a 17 de outubro de 2003. A abertura da exposição, no dia 6 de outubro, será às 17 horas. Além da mostra, o artista ministrará uma oficina gratuita sobre litografia, nos dias 7, 8 e 9 de outubro de 2003, das 15h às 19h, no mesmo espaço da exposição, que funcionará das 8h às 22h, nos dias acima discriminados.

Paulo Chimendes estudou desenho com Paulo Peres no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, integra a Oficina 11, Atelier de Litografia e Gravura em Metal, fez diversas exposições individuais e coletivas, e participou de vários salões e mostras, sendo premiado em seis deles.

Dentro do objetivo do evento **Humanitas Arte**, está a idéia de que a arte é um momento singular na história capaz de revelar a relação humana com a sensibilidade ou recriá-la. Diante da pressa comum em nossos dias que impede a atenção do olhar e a experiência estética que nos abre para o significado das coisas, o evento **Humanitas Arte** oferece à comunidade acadêmica e regional um momento de contemplação e reflexão sobre as artes plásticas e visuais. Que as artes possam valer como antenas do processo social e histórico onde se situa o humano e alçá-lo para o significado amplo da vida como um todo.

ABRINDO O LIVRO

Dia 29 de setembro de 2003, o evento **Abrindo o Livro** trará à tona o debate sobre o livro **Obras Escolhidas Volume 1: magia e técnica, arte e política**, de Walter Benjamin, com a Prof^a. Dr^a. Suzana Kilpp, professora e pesquisadora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. O evento acontece das 19h45min às 22h, na Sala de Seminários 2, da Biblioteca da Unisinos. Suzana Kilpp é doutora em Ciência da Comunicação pela Unisinos, é mestre em História e graduada em Farmácia e Bioquímica e Administração. Seu livro mais recente, ainda no prelo, é **Ethicidades televisivas. Sentidos identitários na TV: moldurações homológicas e tensionamentos**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

SALA DE LEITURA

No próximo dia 30 de setembro, iniciará uma nova atividade, promovida pelo Instituto Humanitas Unisinos, no segundo ano do seu funcionamento.

O evento **Sala de Leitura** tem por objetivo divulgar livros escritos pela comunidade interna da Universidade. Periodicamente, o IHU oferecerá a oportunidade para que colegas da Unisinos possam apresentar os seus livros publicados a partir de 2003.

O evento consistirá na apresentação do livro por parte do autor e na leitura de um trecho da obra. O evento conclui com alguns minutos de debate e uma sessão de autógrafos. Além de água, será servido vinho aos participantes.

Na sessão de abertura do evento, no próximo dia 30, das 17h30min às 19h, na sala 1G119, o professor Danilo Romeu Streck, coordenador do PPG em Educação da Unisinos, fará a

apresentação do livro de sua autoria **Educação para um novo contrato social**. Petrópolis: Vozes, 2003. Outras duas sessões já estão programadas. No dia 7 de outubro, será apresentado o livro **Caixa de sapatos**, do poeta e jornalista Fabrício Carpinejar. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; e no dia 28 de outubro, será a apresentação do livro **Os paradoxos do imaginário**, do Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Cooperativas Habitacionais

No dia 8 de setembro, a coordenação do IHU participou de uma reunião sobre Cooperativas Habitacionais com o Prof. Cláudio Coelho Marques, Prof. Vergílio Frederico Perius, Prof. MS Derli Schmidt e Prof. Dr. José Odelso Schneider, estes três últimos integrantes da área de concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU.

Cooperesíduos

Também no último dia 8, aconteceu uma reunião sobre a Cooperativa Cooperesíduos, com a coordenação do IHU, o Prof. Vergílio Frederico Perius, Prof. MS Derli Schmidt, Prof. Dr. José Odelso Schneider e o prof. Gelson Fiorentin, do Centro de Ciências da Saúde.

Campanha da Fraternidade 2004

A Campanha da Fraternidade de 2004 foi tema de uma reunião ocorrida no dia 8 de setembro, entre a coordenação do IHU, Rosa Maria Serra Bavaresco, coordenadora da área de concentração Teologia Pública, Laurício Neumann, coordenador da área de concentração Ética, Cultura e Cidadania, e Águeda Bichels, integrante da área de concentração Teologia Pública e professora do Centro de Ciências Jurídicas.

Visita

No dia 9 de setembro, o IHU recebeu a visita de Ronilson Rondon, procurador geral da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e José Luís França, gerente administrativo da Fundação Tuiuiu. Os visitantes vieram conhecer o Instituto, e foram recebidos pela coordenadora adjunta, Prof^a. MS Vera Regina Schmitz e a coordenadora da área de concentração Teologia Pública, Rosa Maria Serra Bavaresco.

Página do IHU

A página do IHU, inaugurada durante o Simpósio Internacional Água: Bem Público Universal, em maio deste ano, foi visitada, desde 21 de julho, quando se iniciou a contabilização, até o dia 12 de setembro, por 3427 pessoas. A página é atualizada diariamente de segunda a sexta-feira. Nela também podem ser vistas as fotos dos eventos do IHU. O endereço da página é www.ihu.unisinos.br

IHU REPÓRTER



SANDRA MARIA RIBASCZKI DE SOUZA

Sandra Maria Ribaszki de Souza mora em São Leopoldo e trabalha no setor Higiene e Conservação da Unisinos, desde 2001. Natural de Tapes, RS, Sandra é a terceira de seis irmãos. Os primeiros oito anos trazem-lhe as lembranças do campo, entre porcos, galinhas e contato com a natureza, até trocar a tranquilidade dessa vida que lhe oferecia poucas possibilidades acadêmicas pela vida mais agitada na cidade de Esteio. Sandra conta com muita simplicidade e bom humor os momentos mais importantes de sua vida.

Trajetória- Em Esteio, comecei a estudar, lá no interior tinha colégio só até a quarta série. Meu pai comprou um terreno em Esteio e conseguiu trabalho numa fábrica de vassouras, como vigilante. Pouco tempo depois, ele conseguiu construir a casa. Quando eu tinha 17 anos, meus pais resolveram se mudar para Camaquã, mas isso não deu certo e dois anos depois voltaram, desta vez para Sapucaia. Tinham vendido a casa e já não tinham nada. Um dos meus irmãos conseguiu comprar um terreno com uma poupança que tinha, e minha mãe mora lá até hoje. Eu fiquei aqui trabalhando no supermercado Nacional e morando com uma colega de trabalho.

Família- Aos 19 anos, fui morar com meu noivo, estava grávida de minha primeira filha, Lidiane que hoje tem 20 anos, estuda direito na Unisinos e trabalha numa clínica. Tive um segundo filho, Cássio, que faleceu de leucemia aos 10 meses. Ele hoje teria 13 anos. Atualmente, sou casada com Sérgio.

Nas horas livres- Duas vezes por semana, vou visitar minha mãe em Sapucaia. Lavo roupa, arrumo a casa, cuido das coisas da minha filha, porque ela não tem tempo para nada: do trabalho corre para a faculdade. Cuido das minhas flores e, nos finais de semana, vamos visitar minha sogra.

Livro- *Violetas na janela*, de Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho. Trata de uma moça que sofreu muito.

Autora - Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho

Filme- Adoro romance. Especialmente o filme *A carta* de Manoel de Oliveira e *Cidade dos anjos* de Wim Wenders. Este último conta a história de um rapaz já morto, que vinha buscar os que estavam por morrer, mas acaba se apaixonando por uma médica.

Momento mais feliz- O nascimento de minha filha, mesmo sabendo de certas dificuldades que ia enfrentar com o pai dela. Um outro momento muito feliz foi quando a Lidiane passou no vestibular e começou a cursar a Faculdade de Direito.

Unisinos- Em agosto, vai fazer dois anos que trabalho aqui. Dei o currículo para uma colega que trabalhava no restaurante universitário e na mesma semana me chamaram. Para mim, a Unisinos é tudo. Sem meu emprego, não sou nada. O ambiente aqui é bom, a gente aprende muito.

IHU- Até o momento, dos lugares da Unisinos pelos quais passei, é o melhor.. As pessoas são muito boas. Me dão muita atenção, me escutam, sempre têm uma palavra amiga. É diferente.

Um grande sonho- O meu maior sonho seria dar uma casa nova para minha mãe. A dela está caindo. De vez em quando, compro o Toto Bola com essa finalidade. Penso muito nisso. Eu já tenho minha casa, meus irmãos não têm condições de ajudá-la, algum dia vou conseguir.

MEU CLÁSSICO

*A professora Nísia Martins do Rosário é doutora em Comunicação Social pela PUCRS, mestre em Ciência da Comunicação pela Unisinos e professora-pesquisadora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. Ela compartilha com os leitores e as leitoras de **IHU On-Line**, na edição desta semana, quem são os autores de influência em sua trajetória acadêmica. Acompanhe:*

Qual é o autor que mais influenciou a sua formação intelectual?

Não posso dizer que eu seja uma pessoa que tenha sofrido só uma influência, então, não houve apenas um autor que contribuiu para a minha formação intelectual. Cada livro/autor com o qual tive um contato mais profundo acabou trazendo boas sementes, que procuro fazer frutificar em vários momentos de minha vida - eu diria que quase "tudo vale a pena quando a alma não é pequena". Posso afirmar, no entanto, que alguns autores foram e, ainda são, especiais. Por exemplo, durante a graduação, despertando meu interesse pela semiótica, me apaixonei por Umberto Eco; depois, com sua base estruturalista, durante o mestrado, veio Louis Hjelmslev; no doutorado me aproximei mais de Charles Sandres Peirce. Mas há um autor que me seduz muito com sua ironia fina e modo diferenciado de interpretar o mundo e os fatos: Jean Baudrillard. Ele está na categoria daqueles autores que têm a capacidade de fazer balançar alguns paradigmas, e isso é muito bom!

Qual o autor que mais responde às suas inquietações atuais?

As minhas inquietações têm girado muito em torno da comunicação do corpo humano e, nos últimos tempos, tenho apreciado a forma como Erving Goffman trata essas questões, sobretudo, porque ele oferece uma percepção da interação humana baseada em papéis e atores sociais. Mas há, também, ótimos autores brasileiros, que discutem esse tema direta ou indiretamente com muita propriedade, tais como: Nizia Villaça, Ieda Tuchermann, Muniz Sodré e Raquel Paiva.

Qual o autor contemporâneo que lê com mais atenção?

Tenho lido com atenção Gilles Lipovetsky e Michel Maffesoli. Não porque sejam autores difíceis, mas porque entendo que neles reside uma reflexão realmente diferenciada sobre a

contemporaneidade, um olhar de outro ponto de vista, um desvendar de modos, de modas, de representações. Ao mesmo tempo que eles não podem ser classificados como niilistas - ao estilo de Baudrillard – utilizam doses de ironia e de humor, mas, sobretudo, encontram o seu objeto de estudo no cotidiano comum, naquilo que, muitas vezes, a ciência mais tradicional despreza.

INTERATIVO

Sala de Leitura



“No momento estou lendo **Germinal**, de Émile Zola⁴, com tradução de Francisco Bittencourt. São Paulo: Abril Cultural, 1979, 535 páginas. Este livro, considerado por muitos como sua obra-prima, mostra a luta dos mineiros, trabalhadores das minas de carvão nos arredores de Paris, para sobreviverem com mísero salário que mal lhes dava o pão de cada dia. Esta vida de total miséria e exploração que vinha de geração em geração, um dia explodiu em uma greve com a qual muitas famílias perderam seus filhos por não terem o que comer. Não agüentando mais o sofrimento e a fome, completamente desesperados, numa última tentativa de receberem o que era justo, lutaram e muitos morreram por este ideal”.

Prof. MS. Edegar A. W. de Paula, professor do Centro de Ciências Econômicas, mestre em Administração e gerente da Unidade de Desenvolvimento Tecnológico da Unisinos – Unitec.

“O último livro, que acabei de ler, eu trouxe do Canadá e se chama **La Guérison Par Le Plaisir** (A Cura pelo Prazer), de Yvon Saint-Arnaud, doutor em Psicologia, professor, conferencista, fundador dos Centros de psicossíntese de Montreal, de Ottawa e da Estrie. Ottawa (Canadá): Novalis, Université Saint-Paul, 2002, 656 páginas. Já em 1966, José Lemmertz, preocupava-se em revisar os conceitos psicanalíticos fundamentais, lembrando a necessidade de, em psicoterapia, levar em conta a natureza humana em busca de novos rumos em sua vida (Psicanálise e Psicoterapia, editado pelo autor, impresso nas oficinas gráficas União, Porto Alegre). Em 2002, Saint-Arnaud, após mais de trinta anos de pesquisa científica demonstra que o prazer é um elemento a ser tomado em consideração no tratamento de pessoas deprimidas, sofrendo de asma, de câncer e de enfermidades cardíacas. O conteúdo do volume interessará tanto os especialistas em saúde física e mental, como as pessoas preocupadas com a qualidade de suas vidas, uma vez que o autor apresenta para isso, recursos simples e concretos para viverem de modo feliz, pelo cultivo de valores indestrutíveis”.

Prof. Dr. Pe. Armando Marocco, doutor em Interesses Profissionais, mestre em Valores e coordenador do Núcleo de Orientação Vocacional da Unisinos.



“Atualmente estou lendo **A estética do filme**, de Jacques Aumont, Alain Bergala, Michel Marie e Marc Vernet. Campinas: Papyrus, 1995, 310 p. O livro se apresenta como um manual que procura situar o leitor entre as várias tipologias dos escritos sobre cinema. Justamente por este caráter de manual, ele serve como introdução a uma reflexão, entre outras coisas, sobre

⁴ Esta obra foi tema do IHU Idéias de 15 de agosto de 2002, com o título *O mundo do trabalho a partir do ‘Germinal’, de Émile Zola, com o Prof. Dr. Lauro João Dick*, do Centro de Ciências da Comunicação

a linguagem cinematográfica e os modos como o sentido se constroem no filme, bem como o modo como o espectador se relaciona com esta mídia. De leitura nem sempre fácil, mas sempre instigante, a obra é uma excelente opção para quem pesquisa ou estuda cinema, ou para quem apenas quer compreender melhor os modos pelos quais o cinema produz sentido”.

Miriam Rossini, doutora em História, e professora do Centro de Ciências da Comunicação.

Cartas do Leitor

Parabéns e pedido

Estes boletins do IHU são bons demais. Para mim é um tesouro recebê-los em meu e-mail. Sempre aguardo com grande expectativa o próximo número. Eu só tenho do número 50 em diante, sei que posso baixar na página, porém seria lento para mim. Se possível mandar para meu e-mail de 1 a 50. Bem acho que estou pedindo demais, mas se acontecer vou queimar uma caixa de foguetes para comemorar.

Obrigado.

Gilson Carvalho de Lemos

Gostaria de agradecer pela atenção e presteza; desde o primeiro contato que fiz, fui muito bem atendida.... Muitas palmas a toda equipe do Instituto Humanitas Unisinos.

Cordialmente,

Sabrina Marengo.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@icaro.unisinos.br), Pedro Osório (osorio@bage.unisinos.br) e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Projeto gráfico: AgexCom. IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio <http://www.ihu.unisinos.br/>. Sua versão impressa circula internamente na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS